

AS VOZES DO SALITRE



Maíra dos Santos Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
(UNIVASF)

REITOR

Telio Nobre Leite

VICE-REITORA

Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL
(PPGEXR)

COORDENADOR

Vanderlei Souza Carvalho

ORIENTADOR

Reginaldo Pereira dos Santos Junior

COORIENTADOR

Vanderlei Souza Carvalho

MESTRANDA

Maíra dos Santos Silva

DIAGRAMAÇÃO

Mayane Santos

Maíra dos Santos Silva

Esta edição se refere ao Produto Final do Mestrado
Profissional em Extensão Rural



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

S586v Silva, Maíra dos Santos
As vozes do Salitre / Maíra dos Santos Silva, Reginaldo Pereira dos Santos Júnior. – Juazeiro-BA: UNIVASF, 2024.
94 f.: il.

E-book (Produto final da Dissertação do Mestrado Profissional em Extensão Rural).
Inclui referências.

1. Comunidades rurais. 2. Comunidades - Vale do Salitre. 3. Memória. 4. Movimentos sociais. 5. Pedagogia Freireana. I. Título. II. Santos Júnior, Reginaldo Pereira dos. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 301.350942

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF
Bibliotecária: Adriana Santos Magalhães CRB-4/2275

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR)

CÂMARA INTERDISCIPLINAR TEMÁTICA I- DESENVOLVIMENTO E
POLÍTICAS PÚBLICAS
LINHA DE PESQUISA: I – IDENTIDADE, CULTURA E PROCESSOS
SOCIAIS

MAÍRA DOS SANTOS SILVA
REGINALDO PEREIRA JUNIOR
VANDERLEI SOUZA CARVALHO

AS VOZES DO SALITRE



MAÍRA DOS SANTOS SILVA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da UNIVASF. É graduada em Licenciatura em Letras Português e suas Literaturas pela UPE e Licenciatura em Pedagogia pela UNIVASF. Especialista em Língua Portuguesa e em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Professora da rede municipal de ensino de Juazeiro-BA.



mairasantosprof

PREFÁCIO

O e-book *As Vozes do Salitre* é um desdobramento dos estudos desenvolvidos na pesquisa intitulada *MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE LUTA NO SALITRE (DISTRITO DE JUNCO, JUAZEIRO-BA) ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM FREIRIANA*, dentro do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural – PPGExR, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf).

Neste trabalho destaca-se o Vale do Salitre, região que se encontra localizada na cidade de Juazeiro, extremo Norte da Bahia, e suas lutas históricas enfrentadas pelos povos que vivem às margens da bacia do Rio Salitre no Junco, distrito pertencente ao município, perene, até a década de 80. Essa região, posteriormente, ficou caracterizada pelos altos índices de pobreza e pela escassez de água por causa da expansão da agricultura irrigada (revolução verde), assim como suas consequências nos moldes atuais, levando em consideração as questões ambientais, culturais e econômicas que se fazem presentes no espaço geográfico de todo o Vale.

A experiência como educadora na Escola Municipal Eudaldina Damásio, na comunidade de Campo dos Cavalos (Vale do Salitre) e vivenciar continuamente a rotina dos alunos do Fundamental – Anos finais, me permitiu perceber que na referida instituição a maioria dos estudantes faz parte das comunidades locais e filhos de agricultores, que desempenham atividades agrícolas no contraturno nos lotes do projeto Salitrão e nas roças da própria família.

Essa região sempre foi palco de significativos conflitos por causa da água e por terra, como resultado da degradação ambiental e cultural. Consequentemente, esses marcos históricos foram cruciais no processo de formação sociopolítico dessa localidade. Apesar disso, ainda permanecem fora dos livros de história e das salas de aula, sendo papel da oralidade manter e compartilhar essa história.

A partir de revisão literário sobre educação e, principalmente da vasta obra do pensador brasileiro Paulo Freire, Nesse contexto, Vozes do Salitre pretende incentivar a reflexão sobre a atuação da Pedagogia dentro desse contexto. Além disso, tem objetivo fornecer estratégias de práticas que podem ser exercidas dentro da realidade de escolar incentivando o conhecimento sobre o assunto.



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| CAPÍTULO 1 - A PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO: NOS FIOS DA HISTÓRIA..... | 10 |
| CAPÍTULO 2 - O RECORTE DA HISTÓRIA: OS MARCOS DE LUTA DO VALE DO SALITRE..... | 21 |
| CAPÍTULO 3 - UM FINO TECIDO DE MUITOS FIOS..... | 34 |
| CAPÍTULO 4 - CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO..... | 76 |
| REFERÊNCIAS..... | 86 |

INTRODUÇÃO

A Pedagogia enquanto ciência da educação é a figura mediadora capaz de atuar no diálogo entre os sujeitos no processo de construção do conhecimento. Toda interação discursiva deve partir do contexto histórico de cada ator e atriz envolvidos no processo de aprendizagem.

Nessa reflexão há de se ressaltar que a prática pedagógica sobre os marcos históricos de luta ocorridos na região do Vale do Salitre surge a partir da perspectiva de que a Pedagogia é mediadora, pois consegue perceber que o conhecimento constrói-se de onde as pessoas estão e como elas estão. Libâneo (1994, p. 47) argumenta que, “A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade [...]”.

A afirmação do autor reforça o pensamento de que através da mediação, a pedagogia consegue enxergar os fatos de forma diferenciada, mesmo que seja de fora para dentro porque ele percebe o que tem de construção de conhecimento a partir dos próprios sujeitos que ali estão. Desse modo, cria-se um olhar pedagógico de quem ajuda na organização de um grupo e que consegue dialogar com os conflitos e as diversas formas de vida que existem naquele lugar.

Em se tratando do contexto histórico específico do Vale do Salitre, os processos de educação não podem ser negados à população, pois é necessário que se avalie o presente momento à luz do passado. Compreendendo em todos os aspectos os seguintes questionamentos: quem foram os primeiros habitantes? Como eles viviam? Eles ainda moram no Salitre? O que levou a sua saída? Sua cultura predomina na região? O que mudou com a chegada dos colonizadores? As culturas iniciais permanecem? O modo de vida das pessoas continua a mesma?

As modernizações ao longo da história contribuíram para a melhoria das pessoas e para as comunidades? Quem é você nesse contexto histórico?

Levando em consideração o processo de compreensão sobre ação do sujeito no meio ao qual está inserido, cria-se uma interação do homem/sociedade, assim como a emancipação humana firmando-o em todo seu contexto. Dessa forma, constrói-se uma educação de forma participativa dialógica e problematizadora, direcionada a formação crítica dos sujeitos sociais, possibilitando uma reflexão sobre suas condições sociais, históricas e culturais, como forma de resgate das suas origens, bem como nas relações sociais existentes em cada morador buscando a construção de saberes sobre sua realidade.



A PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO NOS FIOS DA HISTÓRIA

Neste capítulo serão apresentados os conceitos sobre a educação e a história da Pedagogia, embasados em teorias e por concepções. Além disso, serão abordados, também, a vida e a obra de Paulo Freire, por suas contribuições para a educação libertadora e emancipatória.



A etimologia da palavra Pedagogia é oriunda da Grécia antiga, originada da palavra paidagogia, que significava “[...] a condução da criança” (Saviani, 2007, p. 100), referindo-se aos escravos responsáveis por acompanhar os filhos dos seus senhores até o ambiente que seriam educados. De acordo com Aranha (2006, p. 67):

A palavra paidagogia nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo, sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. Ao discutir os fins da paideia, os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental. As questões: o que é melhor ensinar?, como é melhor ensinar? e para que ensinar? enriqueceram as reflexões dos filósofos e marcaram diversas tendências, como veremos a seguir. Aliás, vale observar que até hoje essas perguntas são fundamentais para a Pedagogia.

Fonte: Aranha, 2006, p.67

A Pedagogia é uma ciência consolidada recentemente, no entanto, desde a Antiguidade Clássica já se falava acerca dela, já que as pessoas escravizadas eram as responsáveis pela condução das crianças aos estudos. Porém, naquela época não se compreendia este campo do conhecimento como uma teoria ou uma ciência, embora sua prática já fosse considerada como ação pedagógica.

Desde a Grécia, delineou-se uma dupla referência para o conceito de pedagogia. De um lado, desenvolveu-se uma reflexão estreitamente ligada à filosofia, elaborada em função da finalidade ética que guia a atividade educativa. De outro lado, o sentido empírico e prático inerente à paideia, entendida como a formação da criança para a vida, reforçou o aspecto metodológico presente já no sentido etimológico da pedagogia como meio, caminho: a condução da criança.

Fonte: Saviani, 2007, p. 100

Nesse contexto, entendemos que foram os gregos os primeiros que pensaram na elaboração de concepções pedagógicas sobre a prática da educação, como dimensões diferentes à qual a educação é compreendida, seja na teoria ou na prática.

Para Libâneo (2001) existe um conceito oriundo do senso comum, atribuído à Pedagogia, de que ela é ensino ou que se refere apenas ao modo de ensinar:

Uma pessoa estuda Pedagogia para ensinar crianças. O pedagógico seria o metodológico, o modo de fazer, modo de ensinar a matéria. Trabalho pedagógico seria o trabalho de ensinar, de modo que o termo Pedagogia estaria associado exclusivamente a ensino.

Fonte: Libâneo, 2001, p. 5

No entanto, a Pedagogia não pode ser considerada apenas como formação de professores, pois existem várias Pedagogias e entre elas estão a familiar a escolar etc. que atuam diretamente na sociedade como uma prática capaz de transformar o ser humano. (Libâneo, 2001). Neste sentido, a Pedagogia hoje é compreendida como um campo científico complexo, interdisciplinar, cujo objeto de estudo é a educação.

TENDÊNCIA PEDAGÓGICA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

“Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.”

Pedagogia da autonomia, Paulo Freire

Para compreendermos a dimensão pedagógica da Educação, faz-se necessário saber que por trás de toda prática educativa há uma pedagogia. Para Fernandes et al. (2008, p. 28), “a pedagogia só existe quando é transformada em prática.” No entanto, se isso não ocorrer, o ato pedagógico se torna abstrato, incapaz de contemplar os anseios da sociedade.

Nesse contexto, frente aos movimentos culturais e políticos no Brasil, surgiram as tendências pedagógicas para nortear a prática pedagógica do país representando diferentes concepções de ser humano, mundo e de sociedade.

É relevante ressaltar que desde os primórdios da educação, ela sempre passou por processos de transformação e várias tendências foram sendo construídas, tendo em vista o contexto histórico vivenciado

pela sociedade concreta de cada período. De acordo com Saviani (2005, p. 1):

Diferentes concepções de educação podem ser agrupadas em duas grandes tendências: a primeira seria composta pelas concepções pedagógicas que dariam prioridade à teoria sobre a prática, subordinando esta àquela sendo que, no limite, dissolveriam a prática na teoria. A segunda tendência compõe-se das concepções que subordinam a teoria à prática e, no limite, dissolvem a teoria na prática.

Fonte: Saviani, 2005, p. 1

Para o autor, no primeiro grupo estariam as modalidades pertencentes à pedagogia tradicional, com base centralizada em “teorias do ensino” e o segundo um olhar para a pedagogia nova, com ênfase nas “teorias de aprendizagens”.

PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

A Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire

Para que se possa compreender a tendência libertadora, faz-se necessário a compreensão sobre o contexto político e social de Paulo Freire, em meados do século XX, precursor da abordagem progressista. Nesse sentido, a escola progressista foi criada através da educação popular sem estar diretamente ligada a instituição escolar.

De acordo com Machado; Ribeiro; Lima (2020, p. 154) “A pedagogia libertadora surge, no final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960”, a partir da mobilização do povo em favor da cultura e da educação pautada nos movimentos sociais, com base nas ideias de Paulo Freire.

Nesse período, no Brasil, já havia muitos excluídos, inclusive adultos pobres e analfabetos e, por isso, Freire defendia a existência de uma educação pautada na construção da consciência e do pensamento crítico através do diálogo como elemento primordial

contra a alienação e exploração impostas pela classe dominante da época (Machado; Ribeiro; Lima, 2020).

Nessa ótica, a educação era considerada uma prática libertadora, com forte poder nos sindicatos, assim como nos movimentos populares da época. O que se percebe é que a educação passa a ser direcionada para a classe trabalhadora, isto é, para a população, sem distinção de classe social. É nesse período que a modalidade de educação não formal ganha destaque, por meio da articulação do método de alfabetização de Paulo Freire, que considera o ser humano um sujeito situado no mundo material, econômico, concreto e social.

A educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão "educação popular" assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar

o sentido anterior, povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo à ordem existente.

Fonte: Saviani, 2013 apud Silva, 2018, p. 101).

A escola libertadora pode ser conhecida como educação problematizadora do contexto social e político em que o processo de ensino e aprendizagem ocorre, considerando que o ato de educar tem um papel primordial de transformação da sociedade, a partir do contexto em que o aluno está inserido.

Nessa perspectiva, educação e sociedade articulam-se de forma dialética, possibilitando a emancipação do aluno, a partir da vivência dele, com conteúdos pertencentes a sua prática social em detrimento do que se considerava tradicional na educação.

Assim, na tendência libertadora havia a busca do conhecimento através do diálogo. Nesse contexto, o professor é considerado o mediador entre o saber e o conhecimento a ser produzido. Portanto, a educação é compreendida, do ponto de vista do oprimido, como prática de liberdade humana do próprio homem.



TESSITURAS DA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

“Esta é a possibilidade de ir além do amanhã sem ser ingenuamente idealista. [...] Antecipar o amanhã pelo sonho de hoje. A questão é o que Cabral disse: O sonho é um sonho possível ou não? Se é menos possível, trata-se, para nós, de saber como torná-lo mais possível”

Freire e Shor – Medo e ousadia

Vida e obra de Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire, patrono da educação brasileira, popularmente reconhecido como Paulo Freire, nasceu na cidade de Recife, capital pernambucana, uma das mais pobres regiões do país, em 19 de setembro de 1921 numa família de classe média. Seu falecimento se deu em 02 de maio de 1997, aos 75 anos de idade (Gadotti, 2003). O educador foi casado e teve cinco filhos. Formou-se em bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) porque naquela época não havia curso superior na área de educação.

Mesmo com formação acadêmica em Direito, Freire mudou os rumos da sua vida, dedicando-se ao trabalho no SESI (Serviço Social da Indústria), no setor de Divisão de Educação e Cultura, área de Educação, que futuramente o tornaria o Patrono da Educação Brasileira, conforme a Lei nº 12.612 (BRASIL, 2012).



Fonte: <https://santacruz.g12.br/noticia/o-pensamento-de-paulo-freire-e-as-escolas-nos-dias-de-hoje/>

Método de alfabetização Paulo Freire

Anos mais tarde, Paulo Freire se tornou docente na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nas áreas de Filosofia e História da Educação de Belas Artes de Pernambuco. Fez parte do Movimento de Cultura Popular de Recife que associava cultura popular à luta de classes, por meio dos Círculos de Cultura, em que aqueles que participavam e os educadores promoviam uma aprendizagem integral, fundamentada numa proposta pedagógica libertadora, considerando a valorização das culturas locais, da oralidade em oposição à visão elitista da educação. Nesse projeto de alfabetização, a sala de aula foi substituída por círculos de cultura para que houvesse uma educação emancipadora em oposição à educação bancária instaurada no Brasil.

Concebidos na década de 1960, como grupos compostos por trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao educador-coordenador tratar a temática trazida pelo grupo. Surgem no âmbito das experiências de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e Pernambuco e do Movimento de Cultura Popular. Não tinham a alfabetização como objetivo central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade.

Fonte: Dantas e Linhares (20--, n.p)

Os círculos de cultura estão na gênese da Pedagogia de Paulo Freire, que considera que a educação não é neutra, pois ela sempre está a serviço de uma classe, tendo em vista que estamos diante de um mundo concreto e com diversas realidades sociais, que propiciam a libertação do homem, na perspectiva de impulsioná-lo a ter um olhar diferenciado do mundo que lhe cerca e não somente daquilo que já está posto no saber formal ditadas pela sociedade.

Em meados de 1963, Paulo Freire iniciou, com uma equipe de estudantes acadêmicos, uma experiência marcante que marcou vidas na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte, localizada à 194 Km da capital, Natal, considerada uma região predominante rural, que tinha como atividade econômica lavouras de algodão. Ele alfabetizou em até 40 horas, por meio de temas geradores, concebidos junto às comunidades, trabalhando a alfabetização de Jovens e Adultos daquela região, conscientizando o povo do seu papel no lugar em que vivem e na sociedade.

No que diz respeito às 40 horas de alfabetização em Angicos, percebemos que naquele momento houve uma organicidade sistemática do método Paulo Freire, envoltos de um pensar didático-pedagógico no planejamento das ações. Segundo Freire (2016 apud Leal, Silva, Azevedo, 2021, p, 335):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Por meio do diálogo, esse momento marca a dinâmica dos círculos de cultura, estabelece a relação comunicativa entre os sujeitos cognoscentes, em seu exercício de conhecimento, de leitura do mundo como resultado de um processo de emancipação.

Freire sofreu perseguição durante o **Regime Militar (1964-1985)**, ficando preso por 72 dias de reclusão sua esposa e filhos, sendo, posteriormente, exilado no Chile por 16 anos, período em que trabalhou com a alfabetização de adultos em programas desenvolvidos pelo Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA), por ser considerado na época um traidor da pátria do Brasil por causa das suas ideias inovadoras sobre uma Educação que fosse libertadora, problematizadora, emancipatória, dialógica, crítica e reflexiva.

[...] Em abril de 1964, com a implantação da ditadura militar no Brasil, a experiência de Paulo Freire foi classificada, de acordo com o novo regime vigente, como nociva aos interesses do governo. As aulas foram proibidas, os materiais pedagógicos foram enterrados ou queimados, e o educador foi preso e depois mandado para o exílio. (Silva, 2017, p. 21)

SAIBA MAIS

Ditadura Militar no Brasil.

Disponível em:

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/ditadura-militar-no-brasil.htm> Acesso em: 20 jan. 2024

Acesse o link para conferir mais informações e dados sobre o tema.

Durante o período em que ficou exilado, Freire escreveu uma das suas maiores obras: *A Pedagogia do Oprimido*. Em 1968, foi uma das obras mais lidas e traduzidas no mundo todo (Silva, 2017), despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento voltadas para a formação e construção de saberes.

No ano de 1969, a Universidade de Harvard o convidou para fazer parte da equipe de docentes para desenvolver atividades de docência e pesquisa, o que lhe possibilitou estar em contato com novas teorias e pensamentos na área de educação. De acordo com Gadotti (1996, apud Silva, 2017, p. 21):

Paulo Freire estava ansioso para “experimental” a cultura norte-americana, para descobrir o Terceiro Mundo (guetos, favelas) no Primeiro Mundo. Entretanto, ele lamentaria a perda de contato com qualquer tipo de experiência pedagógica nos países em desenvolvimento. Considerava insatisfatório deixar a América do Sul e só estudar em bibliotecas. Desse modo, sugeriu que ficaria em Harvard apenas por seis meses.

No ano de 1970, foi transferido para Genebra, na Suíça, para assumir o cargo de consultor do Conselho Mundial das Igrejas, que almejava a expansão da experiência de

alfabetização de jovens e adultos em vários países e, posteriormente, fundou o Instituto de Ação Cultural (IDAC) para trabalhos com educação em países africanos, como o Guiné-Bissau, que, segundo Ancassuerd (2017, p. 23) são países “recém-libertos do colonialismo português”. A autora ainda reforça que:

O trabalho em África e o aprofundamento das propostas Freirianas permitiram o desvelamento dessas “imagens”, ir para além de uma história factual e conhecer muito mais sobre as pessoas, os territórios e a produção das culturas. Aprendi com Paulo Freire a olhar os oprimidos, as ações dos opressores e suas estratégias de dominação, a natureza das diferentes comunidades (não só o aluno) e suas relações/ações na construção de uma sociedade mais justa. Aprendi a olhar, mais criticamente, as regras do jogo da internacionalização do capital e seus efeitos predatórios em África. Enfim, a construção dos modernos estados, também nos territórios africanos

Fonte: Ancassuerd (2017, p. 23)

Nessa época, Freire se engajou politicamente na denúncia contra o sistema colonial que excluía mais de 95% de crianças, jovens e adultos em Guiné-Bissau ao analfabetismo. É nesse cenário que ocorrem mudanças no sistema de ensino para beneficiá-los na promoção de uma transformação em prol de uma educação alfabetizadora descolonizada (Pini, 2022).

Dessa forma, o educador mediu, no continente africano, a construção de projetos para que contribuíssem para o surgimento de um território africano livre e capaz de determinar o seu próprio futuro.

O educador entrou para a história como o intelectual mais homenageado do mundo com mais de 40 títulos *honoris causa*, alguém que defendia uma perspectiva da educação que fosse libertadora, crítica, conscientizadora e política (Alencar et al., 2022). Em vida Paulo Freire ganhou notoriedade internacional com a publicação de suas obras que foram traduzidas para diversos idiomas. Neste contexto, ele escreveu 54 livros nas línguas: portuguesa (Brasil), espanhol, inglês, italiano etc. (Gadotti, 1996). Os livros que possuem sua coautoria formam o número de 26.

Dentre suas obras, destacamos as seguintes: Educação como prática da liberdade (1967), Pedagogia do oprimido (1968), Extensão ou comunicação? (1969), Cartas à Guiné-Bissau (1975), Educação e mudança (1981), A importância do ato de ler em três artigos que se completam (1982), Pedagogia da esperança (1992), Política e educação (1993), À sombra desta mangueira (1995) e Pedagogia da autonomia (1997).

Portanto, é necessário ressaltarmos que as produções bibliográficas de Paulo Freire não se limitam a livros ou artigos popularizados pelo mundo porque, em vida, ele também produziu outros materiais, como relatórios, entrevistas, palestras, seminários, ou foi registrado em encontros, ora disponibilizados em ambientes virtuais, os quais se constituem em outra forma de pesquisar e estudar sua vida e sua obra.



Capítulo 2

O RECORTE DA HISTÓRIA

OS MARCOS DE LUTA DO VALE DO SALITRE

Este capítulo discute o contexto que insere o estudo, os marcos de luta do Vale do Salitre, buscando através do recorte da história descrever o processo de formação do lugar e compreender as lutas dos Salitreiros pela água e pela terra diante da exploração e da opressão.



É possível voltarmos ao passado ou nos acontecimentos históricos e constatar, com base em documentos estudados, que os povos originários do Vale do Salitre eram nativos dos povos Cariri, nações indígenas que povoaram o Brasil e que tinham o seu modo de vida, próprios e adaptados às condições do clima. Eles se alimentavam da caça, pesca e coleta de frutas. É possível encontrar registros sobre a presença deles desde a região de Serra do Mulato até as margens dos rios Salitre e São Francisco.

Durante a expansão do gado do litoral para o sertão, os colonizadores fixaram-se na foz do Rio Salitre, precisamente na comunidade de Sabiá e tiveram contato com o nosso povo em 01 de junho de 1674. Esse momento foi registrado como a derrota dos cariris no Vale do Salitre. Eram cerca de 500 pessoas em que os homens foram assassinados e as crianças e mulheres foram escravizadas.



FONTE: Acervo pessoal de Marcelo Fraga (2023)

As entradas e bandeiras que colonizaram o Vale do Salitre resultaram na morte deliberada dos povos indígenas que habitavam a região do Junco. Depois dessa abordagem, percebe-se que a partir do século XVII, depois que a região foi violentamente ocupada pelas entradas e bandeira comandadas pela Casa da Torre e sob o comando do colonizador Francisco Dias D'Ávila, que surgem as primeiras comunidades de agricultores e pecuaristas às margens do rio.

Um dos relatos mais importantes sobre os povos que habitaram o Vale do São Francisco e as vizinhanças do rio Salitre é, seguramente, o de frei Martinho de Nantes, sacerdote francês capuchinho que acompanhou as tropas do colonizador Francisco Dias D'Ávila nas suas investidas aniquiladoras pelos sertões do São Francisco. Em seu relato, Frei Nantes (1979) acusa Francisco Dias D'Ávila de fazer uso de declarações falsas que justificavam as guerras que assassinavam indígenas e escravizavam os que sobreviviam. Assim ocorreu aos Anaió, que em 1674, vivendo perto do rio Salitre, foram violentamente atacados e dizimados pelas tropas de Dias D'Ávila.

(Nascimento, 2021, p. 107)


Algumas comunidades do Vale do Salitre têm nomes indígenas como Sabiá, Tapuia, Ocrem, Tapera, Aldeia, como também há várias palavras do vocabulário do nosso povo e possuem pinturas deixadas como recordações e formas de expressão, de comunicação em sua arte.

Após esse período ocorreu a miscigenação dos povos e a introdução de novas culturas. Eles deixaram de ser nômades e tornaram-se sedentários e consigo chegaram à descoberta da agricultura às margens do rio e nas capoeiras próximas às serras. Lá cultivavam a melancia, a abóbora, o feijão, a mandioca e a cana de açúcar.

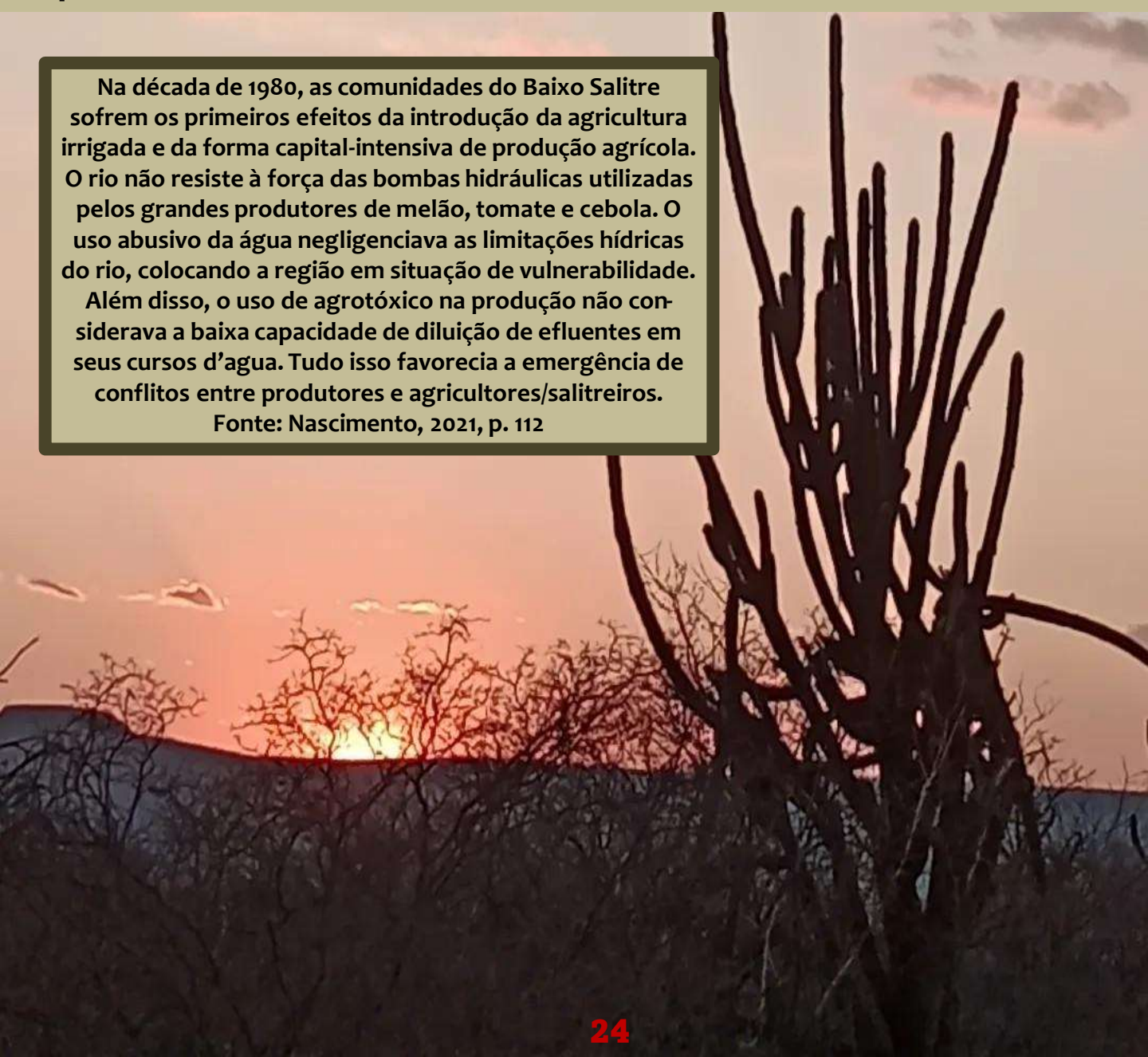
Foram instalados vários engenhos para fabricação de rapadura, casa de farinha etc. Destacamos também a comunidade de Pó Preto (hoje Pau preto), cujo nome surgiu devido à subida de um pó preto no momento da execução de danças e rituais da época. Nessa comunidade até pouco tempo havia na casa dos senhores um engenho e um tronco que serviam para bater nos escravizados.

Vale salientar que várias comunidades do Salitre eram remanescentes de quilombos. Hoje existem duas: Alagadiço e Rodeadouro, reconhecidas como comunidades tradicionais pela Secretaria da Promoção da Igualdade Racial. (SEPROMI)





O Vale do Salitre foi habitado por pequenos agricultores que sobreviviam das pequenas irrigações de vazantes e criação de animais sustentados pelo rio, como o seu único manancial perene do município e importante afluente do rio São Francisco, que nasce na localidade de Boca da Madeira.



Na década de 1980, as comunidades do Baixo Salitre sofrem os primeiros efeitos da introdução da agricultura irrigada e da forma capital-intensiva de produção agrícola. O rio não resiste à força das bombas hidráulicas utilizadas pelos grandes produtores de melão, tomate e cebola. O uso abusivo da água negligenciava as limitações hídricas do rio, colocando a região em situação de vulnerabilidade.

Além disso, o uso de agrotóxico na produção não considerava a baixa capacidade de diluição de efluentes em seus cursos d'água. Tudo isso favorecia a emergência de conflitos entre produtores e agricultores/salitreiros.

Fonte: Nascimento, 2021, p. 112

Nesse período, os conflitos foram intensificados por causa dos barramentos que retinham a pouca água do rio e a grande quantidade de bombas elétricas de propriedade dos grandes produtores utilizadas na sucção da água retida para a irrigação. Nesse caso, a única solução encontrada pelos povos do Salitre foi destruir os barramentos e desligar as conexões dos postes de transmissão da rede elétrica.

Os conflitos que surgiram através da Bacia do Rio Salitre fazem parte da história dos salitreiros e se juntam à apropriação indevida da água organizada em barramentos, impedindo o acesso em pontos ao longo dos rios dificultando dessa forma a vida dos ribeirinhos do Salitre.

Bacia Hidrográfica do Rio Salitre



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Localizacao-do-rio-Salitre_fig2_344310649

A Bacia Hidrográfica do rio Salitre (BHS) possui área de 14.452 km², se configura como uma sub-bacia de primeira ordem do rio São Francisco e está localizada no Centro-Norte do Estado da Bahia, entre as latitudes 9°27' e 11°30' Sul e entre as longitudes 40°22' e 41°30' Oeste. Com relação à Bacia Hidrográfica do rio São Francisco (BHSF), a BHS está inserida na região do Submédio São Francisco.

Fonte: CBHS, 2017, p. 32)

CURIOSIDADE

No Brasil existem 172 registros de conflitos relacionados ao uso da água, a partir de diferentes contextos. No entanto, observa-se uma concentração específica para o Nordeste, devido a apropriação particular desse recurso, atendendo a alguns poucos setores.

Fonte: Braga, Moura e Guedes, 2019

FICA A DICA

Revolução Verde: passado e desafios atuais. Publicado por: CC&T: Cadernos de Ciência & Tecnologia. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/doc/1144071/1/Revolucaao-verde-passado-2022.pdf>. Acesso em 20 jan 2024

A escassez de água é mais evidente devido a especificidade do regime hidrológico da região nordestina, principalmente na semiárida, por causa do regime irregular de chuvas e períodos prolongados de seca, comprometendo os recursos naturais, o que faz com que a população se adapte às condições ambientais frente aos graves problemas sociais e econômicos existentes.

O clima predominante no Vale é o árido, com temperatura elevada, reduzida variação sazonal e estações chuvosa (concentrada de novembro a março) e seca bem definidas. Com essas alternâncias nos ciclos hidrológicos, a escassez de pontos de água durante os meses de pouca ou nenhuma precipitação, obriga os habitantes a recorrer a práticas de transumância, fenômeno gerador de lugares e paisagens que se espalham pelo Vale. (Nascimento, 2021, p. 120).

A crise existente no Vale do Salitre tem suas origens pelos fatores climáticos, embora aconteça também por meio da falta de políticas públicas, ausência do poder público na gestão da água que pouco se interessaram em elucidar muitos dos conflitos existentes na região. Fonte: Braga, Moura e Guedes (2019)

Diante da crise hídrica da bacia, houve um agravamento dos conflitos com relação ao uso da bacia do Rio Salitre provocando aumento do cenário da escassez de água.

TIPOS DE ESCASSEZ DE ÁGUA

Atualmente, há dois tipos de escassez de água. Uma é a escassez econômica que acontece por falta de investimentos, na qual ocorre pouca infraestrutura e a distribuição de água é desigual. A outra é a física, que ocorre quando os recursos hídricos não atendem mais à demanda da população. É nesse cenário de escassez física que se encontra o Vale do Salitre.

A crise existente no Vale do Salitre tem suas origens pelos fatores climáticos, embora aconteça também pela falta de políticas públicas, devido à ausência do poder público na gestão da água, pouco se interessando em elucidar muitos dos conflitos existentes na região.

Para entender:

A história da região do Rio Salitre é passada por conflitos que envolvem distintas formas de relação com a terra e com a água. Mais recentemente, a incorporação de modernas tecnologias de produção no cenário do semiárido tem aprofundado a exclusão de trabalhadores rurais, afastando-os das promessas do desenvolvimento econômico.

Fonte: Rossi; Santos (2018, p. 157)

CURIOSIDADE

Na bacia do Rio São Francisco, em particular na bacia do rio Salitre, um de seus afluentes, os conflitos pelas águas ocorrem como resultado das históricas desigualdades no acesso, sendo acirrados com o incremento da atividade agrícola nos Perímetros de Irrigação implementados pelo governo federal através da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), envolvendo empresas privadas do agronegócio, em especial os setores de frutas e de cana-de-açúcar.

Fonte: Rossi; Santos (2018, p. 159)

A modernização e expansão da irrigação essa população mais uma vez sofreu com a mudança de atividade econômica e passou a conviver com vários conflitos na região. Os conflitos têm ocorrido às margens do rio Salitre ao longo dos anos, dificultando a vida dos pequenos produtores e comunidades que residem no Vale.

O encontro dos rios Salitre e São Francisco.



O uso intenso do rio para a **irrigação** ocasionou a sua exaustão por completo. Isso provocou a existência de conflitos por conta da má distribuição da água, assim como da terra em prol do acesso às águas por parte de empreendimentos privados, restringindo o abastecimento dos povos das comunidades.

VOCÊ SABIA?

Que a agricultura irrigada responde pelo maior percentual de consumo de água entre todas as atividades produtivas do Brasil, da ordem de 70%.

Agricultura de vazante



São as faixas de terras situadas às margens dos açudes, barragens, lagoas e leitos dos rios, que são cobertas pelas águas durante o período chuvoso e descobertas durante a época seca. O preparo do solo é bastante simples. É feita uma limpeza da área que foi descoberta pelas águas e, em seguida, é feita a abertura de covas no plano ou covas viradas.

Fonte:

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitsstream/CPATSA/30063/1/INT56.pdf>

Agricultura Irrigada



É a prática de aplicar água diretamente na raiz das plantas, com o objetivo de melhorar a aplicação de água e fertilizantes, com uso de equipamentos e técnicas específicas utilizadas para fornecer água de forma artificial, garantindo a produção da lavoura mesmo quando não há uma oferta natural de água.

Fonte:

<https://blog.aegro.com.br/agricultura-irrigada/>

Sugestão de leitura:



“Se por um lado o Brasil possui uma vantagem comparativa em termos de disponibilidade hídrica, por outro evidencia a necessidade de um olhar atento para a gestão da água como um direito humano essencial, fundamental e universal, ainda mais em um cenário de mudanças climáticas.”

LEI DAS ÁGUAS – Lei nº 9.433/97

Instituída em 1997 pelo governo Fernando Henrique Cardoso, a lei 9.433, mais conhecida como Lei das Águas, gere os recursos hídricos do Brasil.



Fonte: <https://etica-ambiental.com.br/lei-das-aguas/>

No tocante aos fundamentos, artigo 1º da referida lei define:

I - a água é um bem de domínio público;
II - a água é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico;
III - em situações de escassez, o uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais;

IV - a gestão dos recursos hídricos deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas;

V - a bacia hidrográfica é a unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos;

VI - a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(BRASIL, 1997 apud Mauro, 2014, p. 10)

A Lei das Águas criou a base normativa da Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) e o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh). Nesse contexto, coube aos Comitês de Bacias Hidrográficas (CBHs) a responsabilidade de administração sobre os conflitos ocasionados pelo uso da água no território sob sua jurisdição.

A lei das águas trata a água como um bem de domínio público, que é limitado, mas que possui valor econômico, no qual necessita que a gestão dela seja em prol do interesse público. Nesse sentido em situações de escassez, **a prioridade é o consumo humano.**



FONTE: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/04/17/sancionada-lei-que-institui-semana-nacional-do-uso-consciente-da-agua/@@images/ea75374d-5b8c-4334-9d17-5ccc07edecc6.jpeg>

No Vale do Salitre houve vários impedimentos com relação ao acesso a água por proprietários de terras, pois cada vez mais se notava a construção de barramentos e de açudes particulares, violando o que rezava a Lei.

Fonte: CPT, 2014 *apud* Rossi, 2015).

A modernização das práticas agrícolas trouxe para a região do Vale do Salitre novas formas de irrigação. Isso atraiu a atenção de muitos empresários que ocupavam projetos privados de cultura de cebola, melão, tomate etc. Esta ação acentuou-se mais ainda com a chegada da eletrificação rural.

A Bacia do Rio Salitre

A bacia hidrográfica do Rio Salitre faz parte da bacia do rio São Francisco abrangendo uma área total de 14.136 km² e possui 333,24 km.

A região do Vale do Salitre compreende um dos nove distritos e envolve desde as comunidades de Passagem do Sargento (Alto Salitre), na divisa com Campo Formoso-BA, até a foz, intitulada de “Boca da Barra” (povoado de Sabiá), município de Juazeiro-BA, no baixo Salitre, localidades situadas às margens de um trecho da **bacia hidrográfica do rio Salitre (BHS)**, considerado um dos mais importantes afluentes do rio São Francisco, que nasce em na “Boca da Madeira”, em Morro do Chapéu e deságua em Juazeiro/BA.



Fonte:
<https://www.ecodebate.com.br/2010/02/17/rio-salitre-bacia-do-sao-francisco-artigo-de-almacks-luiz-silva/>



Fonte: Rossi; Santos (2018)

A bacia do rio Salitre faz parte da bacia do rio São Francisco e encontra-se localizada na porção norte do Estado da Bahia. Abrange uma área total de 14.136 km² e possui 333,24 km. Nove municípios fazem parte da Bacia, são eles: Morro do Chapéu, Várzea Nova, Miguel Calmon, Ouroândia, Umburanas, Jacobina, Mirangaba, Campo Formoso e Juazeiro, totalizando uma população de 96.951 habitantes.

A voz do Rio Salitre

Eu sou um rio que sonha
a voltar a percorrer o meu trajeto natural,
levando comigo a missão de servir a todos os ribeirinhos,
para promover um vale mais verde e florido
e voltar a ser povoado pelos peixes que alimentava os nativos,
para poder gerar a autoestima do meu povo.
Quando eu tinha liberdade,
eu contribuía com a prosperidade
e deixava todos felizes e satisfeitos.
Hoje como é difícil pra mim ser interrompido
e deixar de fazer aquilo que fazia com muito prazer,
que era servir a todos.
Hoje sou objeto de disputa desprezado,
e estou preso nas mãos dos gananciosos,
que me maltratavam
e muitas vezes fazem de mim palco de brigas e discórdias.
Eu sou o rio salitre
e sempre tive minhas estratégias,
mas nunca deixei ninguém na mão,
pois sou elemento de partilha,
não sou de poucos,
sou de todos!
O meu prazer é servir ao vale da esperança,
deixando todos com um sorriso no rosto
estampado de muita satisfação.
Deixe-me cumprir minha missão,
porque eu quero saciar a todos
e também contribuir com meu velho e parceiro o velho chico.

QUEM É O AUTOR?



Josemario Gonçalves da Silva, 45 anos, filho de agricultor familiar no povoado de Goiabeira II, Salitre, técnico em agropecuária formado pela escola Agrotécnica de Juazeiro e Pedagogo pela UNIVASF.

Capítulo 3

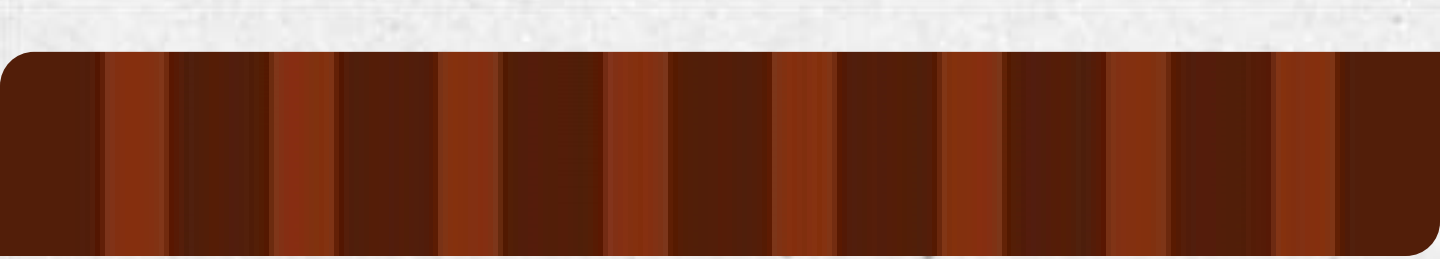
UM FINO TECIDO DE MUITOS FIOS

“Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de várias histórias.”

Felicidade Clandestina, Clarice Lispector


As narrativas que estão postas neste capítulo foram construídas a partir dos diálogos sobre as experiências dos moradores que vivem no Vale do Salitre, distrito de Junco, no município de Juazeiro-BA, cuja finalidade foi compreender os marcos de luta do Vale do Salitre a partir das contribuições da pedagogia freiriana de forma a compor o resgate e o registro histórico das comunidades do Salitre.





A epígrafe que anuncia a abertura deste capítulo enfatiza que por meio dos “fios” que tecem as percepções de mundo que temos do passado somos capazes de formar o nosso presente. Além disso, **Lispector** (1988), em sua obra *Felicidade Clandestina*, relata que contar histórias é uma arte de contá-las novamente e a cada contação surge uma finalidade diferente.

As histórias são renovadas pela memória e têm o poder de criar uma identidade de grupos sociais com base no presente, sendo o principal espaço de encontros sobre a história de um povo de determinado ambiente geográfico.



A memória é a capacidade de lembrar de um tempo que não foi vivido, mas que constantemente é lembrado por diversas gerações. O passado e o presente convertidos em tempo único. A duração variável do passado é um tempo impossível de ser medido e quantificado. Afinal, quanto de passado existe em nossas memórias? Se pensarmos no tempo linear, o passado é o segundo que acabou de acontecer. Nesse sentido, o presente é a medida de tempo mais curta entre os tempos e o futuro um tempo que não existe, pois nunca é alcançado.

Fonte: Cainelli, 2005, p. 520.

As pessoas entrevistadas para esta pesquisa abriram espaços de suas vidas para rememorar o passado, voltando seus pensamentos para as experiências vividas por elas, produzindo representações sobre o passado individual e coletivo.

Vale ressaltar que quando os entrevistados recontam acontecimentos de sua experiência passada, isso permite escavar o passado para iluminar a temática abordada por esta pesquisa, isto é, a contribuição da Pedagogia freiriana na reflexão dos marcos históricos da população que vive às margens do rio Salitre.

Entende-se as recordações, as memórias de tempos remotos ou recentes, como suporte para reflexão a partir do diálogo.

Conforme assinala Freire (2018), o ser humano é um sujeito histórico capaz de compreender sua ação no tempo. Nesse contexto, o homem exprime singularidades sobre sua experiência vivida, configurando a construção social de sua realidade.



Fonte: Acervo de Marcelo Braga, 2023.

A infância no Vale do Salitre

Há muitos anos, os seres humanos entendem como algo importante a necessidade de que seja transmitido e perpetuado a sua história de várias maneiras, com o intuito de que, futuramente a sua cultura seja conhecida, reconhecida e resgatada. Dessa forma, compreendemos que uma das maneiras de mostrar como era o passado pode ser através da oralidade, pois o sujeito pode revisitar as suas lembranças e depois resgatar essas histórias com base nos acontecimentos vivenciados e a importância que esses registros têm para eles. Segundo os relatos de alguns entrevistados, a infância nas comunidades do Salitre era:

“A minha infância foi muito pouca porque a gente começou a trabalhar cedo. Tenho 14 irmãos e meus pais foram agricultores com pouco recurso para manutenção da família. [...] a gente estudava de manhã e de tarde ia para a roça com pai e mãe, para já fazer uma lida na roça no plantio das coisas e na limpeza das plantas. A gente ajudava na colheita do feijão e da mandioca.”

Leonice Rocha da Silva, Comunidade Recanto.

“Morei com meus pais aqui. Plantava na roça aqui na minha infância. Depois minha mãe faleceu. Eu estava com 12 anos aí. [...] Tinha só um prédio, que era escola na minha infância e tinha a capela e ensinava também na casa Miguel Luiz, com a professora Josefina Oliveira.”

José da Cruz Filho, Comunidade Campos dos Cavalos.

“Eu nasci aqui na Alfavaca. Trago saudades de algumas coisas do meu passado, que a gente brincava de roda nos terreiros, brincadeira do grilo, pular corda. Sinto saudades do tempo que não tinha energia e a gente brincava à luz do candeeiro [...] Na escola, no tempo da palmatória, tinha o argumento. O dia era sábado, dia do argumento. Se um dizia oito e oito, uns diziam dezesseis e outro falava oito e nove. Aí o menino errava e um dava o bolo no outro e quando nenhum aluno sabia, a professora dava bolo em toda a turma.”

Ana Clara dos Santos, Comunidade Alfavaca.

“A minha infância era carregando água assim para molhar a cebola e uns pés de parreira. Eu nem me lembro quando eu fui para a escola. Eu já fui grande, estudei do ABC até a quarta série. Tudo pago. Era de manhã na cebola, de lata, para pagar a professora. Naquele tempo teve um irmão mais velho que ainda estudou por conta da prefeitura. Mas eu não, nunca estudei. O que eu estudei foi particular, foi pagando. As professoras eram primas.”

Nival Gomes da Silva, Comunidade Recanto.

“[...] a gente brincava muito, tinha aquela liberdade que a gente tinha com os amigos, com os rapazinhos, brincava de roda, tinha um tercinho aqui mesmo que quando terminava, aí quando terminava a gente chegava e dizia, agora vamos brincar de quê? Aí dizia, vamos brincar de casamento oculto, vamos brincar de roda. Ali era os rapazes e mocinhas, tudo brincava, sem maldade nenhuma. Casamento oculto é assim, as moças ficavam ali, as meninas e os homens pra cá. Agora você vai escolher sua noiva. Aí o rapaz saía, chegava lá, é você. Se ela não quisesse também, a gente procurava outro.”

Íris Pereira de Matos Cruz, Comunidade Alfavaca.

“Eu lembro muita coisa. A gente trabalhava tão pouco. Morava no Sertão. Só trabalhava quando chovia, né? Pra plantar algodão, feijão e milho. E pronto. Quando terminava aquela saga o tempo todo era brincando. [...] Na roça eu trabalhava diária. Muito forrozeiro. Comprei uma sanfoninha e comecei a fazer forró. E aí fui levando a vida desse jeito. Trabalhando e me divertindo muito. [...] e até que cheguei à conclusão de me mudar aqui pro Salitre. Porque eu não vim aqui pro Salitre pra ficar aqui no Salitre. É porque a sanfona que eu tinha eu vendi a uma pessoa daqui do Salitre pra eu ir pra São Paulo. Porque eu achava que os ganhos aqui não dava pra eu sobreviver e ajudar meus pais, que já estavam ficando velhos. Então eu cheguei aí e comecei a trabalhar, porque a pessoa disse que tinha que acertar as contas pra depois me pagar. Fui gostando do trabalho, mas mesmo assim não desisti de ir pra São Paulo. Quando foi por volta de umas três horas da tarde, que eu já tava com a mala toda arrumada pra ir pra São Paulo. Mas desisti! Fiquei no Salitre e fui trabalhar na roça.”

Leandro Pereira Maia, Comunidade Sabiá II.

É possível identificar nas narrativas a vivência de cada entrevistado no Vale do Salitre durante sua infância. No curso das entrevistas, tivemos a oportunidade de perceber as diferentes representações enquanto lugar de fala, ouvindo relatos sobre a vida difícil no campo. Para Ana Clara dos Santos (75 anos), Leonice Rocha da Silva (61 anos), Nival Gomes da Silva (70 anos), Íris Pereira de Matos Cruz (67 anos), José da Cruz Filho (65 anos) e Leandro Pereira Maia (75 anos), esse período foi marcado pelo trabalho árduo na roça, pela carência e pelas dificuldades financeiras, mas também pelos momentos de felicidade, de diversão e de escola, evocando memórias saudosistas, lembrando a educação formal em instituições escolares que ainda estava se formando nas comunidades e também a educação não-formal.

Isto posto, compreendemos que o ser humano é um:

“[...] ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento [...]”
(Freire, 1997, p. 55).

Por essa razão, percebemos que o inacabamento do sujeito nos leva a própria experiência de vida, na qual temos a certeza de que a todo tempo estamos aprendendo e ressignificando as nossas mesmas aprendizagens dentro da sociedade em que nos encontramos.

Narrativas: O que contam os moradores do Vale do Salitre

Atividade econômica desenvolvida na infância

“A minha infância e minha juventude foram muito cansativas, muito... Sim. Muito pesadas. Trabalhei desde os nove anos.”

Josefa Maria de Jesus, da Comunidade Alfavaca



“[...] a gente ia pras roças, trabalhando, mudando cebola. Foi sofrida a vida, viu? Não era fácil não. Com os pais, a gente ia morando com os pais e era trabalhando pra ajudar os pais, porque os pais não tinham condições. E a gente ia trabalhar nas roças, mudando cebola. E era tomate, amarrando tomate nas roças. Aí, quando terminava aquilo ali, que recebia seu dinheirinho no final de semana, a gente não ficava com aquele dinheirinho não.” Pedro Braga Cruz, Comunidade Alfavaca

“Minha infância foi muito boa. Começamos trabalhando. Sempre trabalhando. De criança trabalhando. Porque ninguém, naquela época, você sabe que as coisas eram tudo difícil. Aí a gente fazia capa, fazia esteira na roça, escondida.”

Maria José Clara M. dos Anjos, Comunidade Alfavaca

É perceptível ao observar as suas lembranças que eles se reportam a sentimentos e recordações que outrora eram tristes. Além disso, as falas, que acontecem como uma narrativa, discorrem sobre suas lembranças com base na sua memória e, em alguns momentos, seu olhar se perde, e sua voz sofre alteração ao mesmo tempo em que seus olhos se enchem de lágrimas por se tratar de fatos que indicam sofrimento.

O modo de vida dos moradores nas comunidades

Quanto às memórias narrativas do espaço social existente no Vale do Salitre e as suas transformações no modo de vida ao longo dos anos, nesta pesquisa, percebe-se que estão expressos nas lembranças dos entrevistados alguns elementos constituintes e fundantes da história dos povoados e sua relação com o passado e presente:



Ana Clara dos Santos

“Plantava o milho, o feijão. Então, eu ajudava meus tios que naquele tempo a gente não trabalhava para ganhar dinheiro não. [...] a cultura mais forte era o feijão também, o milho e limão. O que melhorou foi a energia e a água encanada. A gente carregava água na cabeça, né? Tomava água do Rio Salitre. A água ali a gente tomava banho, lavava roupa e dali a gente bebia. A água era corrente e aí foi quando o rio começou a secar. A gente tava aqui, o povo que morava no Campos dos Cavalos, vinha aquele bocado de homem pra cavar o rio, pra poder a água descer, que lá já não tinha mais porque ele foi secando debaixo pra cima, né? Daí do rio São Francisco. A gente cavava cá cima, na beira do rio. Aí minava aquela água e dali a gente bebia a água e tinha dia que a gente ia pegar a água lá, mas sabe o que acontecia? Era sapo dentro e a gente só tinha aquela pra beber. Aí pegava essa água, botava pra assentar ali, pra coar, pra poder botar no pote. Era assim, era luta, era com nojo, né? Que a gente bebia aquela água. Depois veio a cisterna, também foi um grande avanço pra nós que fez a cisterna. Da cisterna eram os carros-pipas que eu botava. Muitos sacrifícios também, os carros-pipas chegavam, botavam um pouquinho em uma, botavam em outra. Tinha vezes que dava teima do povo, botar água na cisterna e não dar pra todo. As estradas eram complicadas. O carro quebrava a vez, né? Aí sempre a vez uma pessoa que tava... Ela rolava lá, a vez ela não botava lá, vinha por aqui, vinha pegar na cisterna de outro, né? Sempre era assim. Aqui tinha uma cisterna. Botava água e o povo vinha pegar. Era assim. Foi um grande avanço isso aí pra gente. A cisterna valeu a pena. E até hoje tá valendo.” (Entrevistada moradora da comunidade Alfavaca)

Pedro Braga Cruz

[...] mudou muito porque antigamente quando não tinha energia, a água corria aí direto. Depois da energia, os ricão botaram a bomba lá pra cima, a água chega aqui no meio e acabou. Eles puxaram tudo com as bombas. As bombas grandes. Eles não eram os donos dos lotes. O dono dos lotes colocava a energia. Que motorzinho dito pra rodar, não botava a água aqui. Aí tem gente aí que tem. Duas léguas de terra aí plantadas de banana, manga e goiaba. O rio Salitre ainda existe. Antigamente, era correndo água aí direto lá no rio São Francisco. E tudo limpinho na beira do rio. Tudo limpinho. Todo mundo tinha seu terreno. Tinha a obrigação de limpar o riacho. A água quando chegava ia sair direto. Aqui era o porto meu, ali era do outro. Aqui cada quem tinha seu espaço. Tudo limpinho. Ali tinha uma graminha. A gente lavava as roupas, botava naquela grama. Toda estendidinha. A gente ia em casa. Vinha almoçar. Quando chegava, voltava pra aguardar aquelas roupas. Ficou cheio de sujeira porque o pessoal não liga mais. Ele tá dessa forma. Não tem mais rio não. Só canudo. Aí depois apresentou uma frente de serviço. Que apresentou pro pessoal trabalhar. Aí uns iam pra beira do rio limpar. Todo mundo. A prefeitura pagava. Dava aquele dinheirinho, o pessoal. Todo mundo tinha trabalho. A vida a gente disse que era bom, mas era uma sofrida. Era, não era muito... Eu saía toda semana pra ir lá pro Junco pegar uns leites que davam. Então cada mulher pegava um menino pra vacinar o menino no Junco. Pra ganhar o leite. Mas era sofrimento. (Entrevistado morador da comunidade Alfavaca)

Josefa Maria de Jesus

A vida aqui na comunidade mudou, muita coisa mudou porque depois dessas aposentadorias, mudou muito. Porque na casa que tem um aposentado, se tiver adulto, os adultos vão trabalhar e o aposentado fica ajudando o adulto e o adulto ajudando o aposentado na fonte de renda. Aqui precisa melhorar a estrada. Antes era jegue. Aí depois foi mudando. Algumas pessoas que eu nem cheguei a conhecer tinha um caminhão, mas não era nem por aqui. Nesse povoado pra ir pra cima, tinha uns senhores que tinham uns caminhões, mas aqui pra nós não existia, era jegue mesmo. (Entrevistada moradora da comunidade Alfavaca)



Maria José Clara de M. dos Anjos

A vida aqui era difícil. Muito difícil. Meu pai era lavrador, plantava mandioca, cana, abóbora, melancia, feijão, essas coisas. Hoje mudou para melhor, tem a água encanada, a energia. E a partir dos anos, tem tudo. Pode dizer que a gente é rico hoje. Certo, visto o que era antigamente. (Entrevistada moradora da comunidade Alfavaca)

Emílio Pereira da Silva

Nessa época a gente convivia porque tinha cana. Aí a gente fazia rapadura. Aí tinha aquele tanto de rapadura que a gente ficava com ele. Aí fazia café com a rapadura e vendia também a rapadura também. Entendi. O rio Salitre tem muita água, mas só uma parte. E nesse tempo ela vinha muito de cima. Era com ele que molhava a cana e tinha pé de manga. Tudo na beira do riacho. Aí a turma plantava limão, plantava parreira. O rio secou. E pronto, aí não teve mais jeito. [...] A vida era no candeeiro. Comprava o gás e botava no candeeiro. Aqui na comunidade tinha poucas. Poucas casas. De noite todo mundo estava dormindo. Estava em suas casas no candeeiro. (Entrevistado moradora da comunidade Alfavaca)



Fonte: <https://querosenejacare.com.br/lamparina-querosene-jacare/>

Valter Nunes dos Santos

Porque antigamente as coisas eram mais difíceis e hoje é mais fácil. É mais fácil. Tinha os engenhos, um ali e outro lá. O rio é importante, aqui é importante. (Entrevistado morador da comunidade Campos dos Cavalos)

José da Cruz Filho

O rio era estreitozinho. Tinha muita água, vinha muita água de cima. Também naquela época tinha pouca gente que plantava. Antigamente plantava, mas era molhado na lata, três, quatro canteiras de cebola molhado na lata. Uns pezinhos de limão, poucos pés de limão, três ou quatro pés de limão. De lá pra cá começou a chegar, esse mesmo Miguel Luiz, comprou logo um motor aqui, um motor, botou no rio, aí começou o pessoal a comprar motor. Iamar, o próprio filho do Miguel Luiz, comprou um motor grande, um Iamar, B13, Miguel Luiz era B8. E de dentro B13, motor mais alto, mais potência. Começou a plantar, depois veio esse negócio de bomba elétrica, botaram energia e pronto. Aí subiu o rio. Aí o rio foi indo, acabando. Hoje aqui pouca água, até lá pra cima, pro lado da Guarapê diz que não tem água. Acabou tudo. [...] antigamente o pessoal via de chuva, antigamente chovia bem aqui, comunidade. E hoje tem muita gente que, uns aposentados, outros com Uns aposentados, é. Os com Bolsa Família, né? Bolsa Família, de lá pra cá, já melhorou bastante. (Entrevistado morador da comunidade Campos dos Cavalos)

Maria Ferreira da Costa

O rio Salitre era um rio perene. Era uma água salobra que a gente tinha. Nasci e me criei com toda essa água salobra. Naquela época era o rio Salitre que predominava aqui, né? Todo o vale usava dessa água, né? Plantava, a gente tomava banho, bebia da mesma água. Era aquela coisa. Hoje em dia, o rio tem água, mas não é mais aquele rio perene. O rio tem água do São Francisco e não se bebe, porque hoje em dia é só pra plantação. Que é muito cheio de veneno, né? E aí a gente não consome essa água pra beber. Hoje em dia tem água encanada. Muito diferente daquele tempo que a gente não tinha que carregar água na cabeça, né? E muitas coisas mais, também. A energia depois de criar esse projeto de luz para todos. Em alguns lugares já existia. A luz elétrica. Chegou a luz elétrica. Aí melhorou. É, melhorou. Antigamente era tudo no candeeiro, a querosene. A energia que a gente usava era no candeeiro a gás. À noite, todo mundo em casa. Todo mundo em casa. Não tinha vida social. Não tinha geladeira, não tinha... Nada de televisão. Não tinha nada que pertencesse à energia. A gente andava a pé. Andando a pé para as festas. Isso mudou também, né? Hoje em dia não tem mais ninguém andando a pé. É na moto, na bicicleta. O difícil mesmo é na bicicleta. Hoje é carro, na moto. Naquele tempo, na minha juventude, quantas festas eu fui longe andando a pé. E outras pessoas de bicicleta. Animal também. Até para Juazeiro as pessoas iam. Meu pai mesmo foi muitas vezes para Juazeiro montado de jumento com carga que tirava da roça. Coco, manga, o que tivesse. Estava produzindo na roça e levava para Juazeiro nas cargas, né? (Entrevistada moradora da comunidade Tapera)



Fonte: <https://www.carlosbrito.com/projeto-no-norte-da-bahia-trabalha-com-acoes-de-revitalizacao-do-rio-salitre/>

Rio Salitre

Leandro Pereira Maia

Morava numa casinha bem aí. Aí, então, depois meus primos compraram a área aqui, Antônio Madeira. Essa área minha aqui foi do Antônio Madeira. Depois de Feliciano, foi Antônio Madeira. Antônio Madeira, Alfredo Madeira. Aí o Antônio Madeira foi quem me vendeu essa área, né? Foi quem me cedeu essa área de 11, 6 hectares. E ele ficou com a outra vizinha aqui. Que ainda hoje é o filho dele. Quem mantém ela aí. [...] Mudou muito. Quando eu cheguei no Rio Salitre, ele tinha uma correnteza diretamente. Tinha peixe, aguinha salgada, mas tinha diretamente. Mas quando foi em 76, ela cortou. Meu patrão, que era Paulo japonês, passou a trabalhar na Maniçoba. Pra plantar melão na Maniçoba. Saía daqui todo dia. Eu ainda tenho o carro que a gente viajava, tá aqui. Uma C10. A gente viajava todo dia pra lá. Foi pra plantar lá, porque aqui não tinha água. Depois ele conseguiu essa área aqui. O pessoal falava que ia vender, ele brocou tudo, plantou, mas depois ficou um que disse que não vendia, outro que não vendia. E aí ele se desgostou e até saiu. Não quis mais. E aí o Salitre começou nessa baderna Sem Água e quando foi em 76 surgiu uma ideia daquele Jorge Khoury. Fazer umas barragens aqui no Rio Salitre. Tavam fazendo barragem de barro mesmo, né? Fazendo barragem e captava água do Rio São Francisco, tava numa barragem. Um é aqui, que a gente até hoje faz isso. Ali, sabe, há uma outra. Quando chega no Curral novo, outra. No outro, outra. E vai assim. São nove barragens, se eu não me engano. Se eu não me engano, é nove barragens. E assim ficou. Mas isso foi, foi e depois o pessoal começou a não pagar e isso aí que terminou. Toda a vida do povo foi sofrida. Principalmente porque quando não tem água à vontade, a pessoa sofre, né? Porque as pessoas que vivem da sua agricultura, da sua família, essas coisas assim, digamos assim, essa cultura rápida, que é um melão, cebola, tomate, pimentão. (Entrevistado morador da comunidade Sabiá II)



Fonte: <https://macielrios.artstation.com/projects/rRPRBJ>

*A narração da própria vida
é o testemunho mais
eloquente dos modos que a
pessoa tem de lembrar. É a
sua memória".*

Fonte: Bosi, 1994, p. 68

Nos relatos dos entrevistados, por meio da narrativa, evidenciam que eles são seres históricos, que possuem a capacidade de construir e reconstruir a sua história, participando ativamente com os outros membros da comunidade, a partir do local onde viveram e vivem, criando, produzindo e sonhando.

Isto foi difundido pelos interlocutores em vários momentos da entrevista. Conforme as palavras iam surgindo, o saudosismo também ia aflorando. Cabe salientar que na perspectiva freiriana a compreensão dos participantes sobre a realidade em que vivem é considerada um ponto chave para a tomada de conscientização deles mesmos.



A educação é uma prática de liberdade que permite o desenvolvimento de um sujeito crítico frente a situações adversas, nas quais a comunidade escolar está inserida, nomeadas por ele de *situações-limite*. Segundo o autor, as situações-limite não devem ser encaradas como barreiras insuperáveis pela condição de oprimidos.

Fonte: Freire (1988 *apud* Costa, p. 122)

À luz desses depoimentos dos moradores e do pensamento de Paulo Freire, depreendemos de que a educação é uma prática de liberdade e pode ser construída também em espaços formativos não-formais, dentro de sua dimensão pedagógica porque permeia a vida no Vale do Salitre. As comunidades salitreiras são os diversos grupos sociais presentes na região. Por oportuno, cabe registrar que existem muito ensino e aprendizado introduzidos na vida dos membros de cada lugar. Isso pode ser entendido mais concretamente quando se faz uma escuta com os moradores, sobre o que acontece pedagogicamente naquele local.

Dentro de uma possível perspectiva crítica, consideramos a possibilidade de ouvir o que está sendo dito. No diálogo com o sujeito, percebendo várias formas de fazer educação no campo, dentro da escola e em conversas informais nas roças, nas estradas, no campo de futebol, no posto de saúde, assim como na beira do rio. Desse modo, verificamos que a produção de conhecimento e transformação de mundo ganha novos sentidos, fazendo à luz de sua reflexão sobre o mundo a qual todos fazem parte.

Em todas as falas percebemos o protagonismo dos sujeitos ao relatar fatos da sua vida, no trabalho braçal nas roças e também sobre a bacia do

rio Salitre que hoje se encontra em situação de degradação.

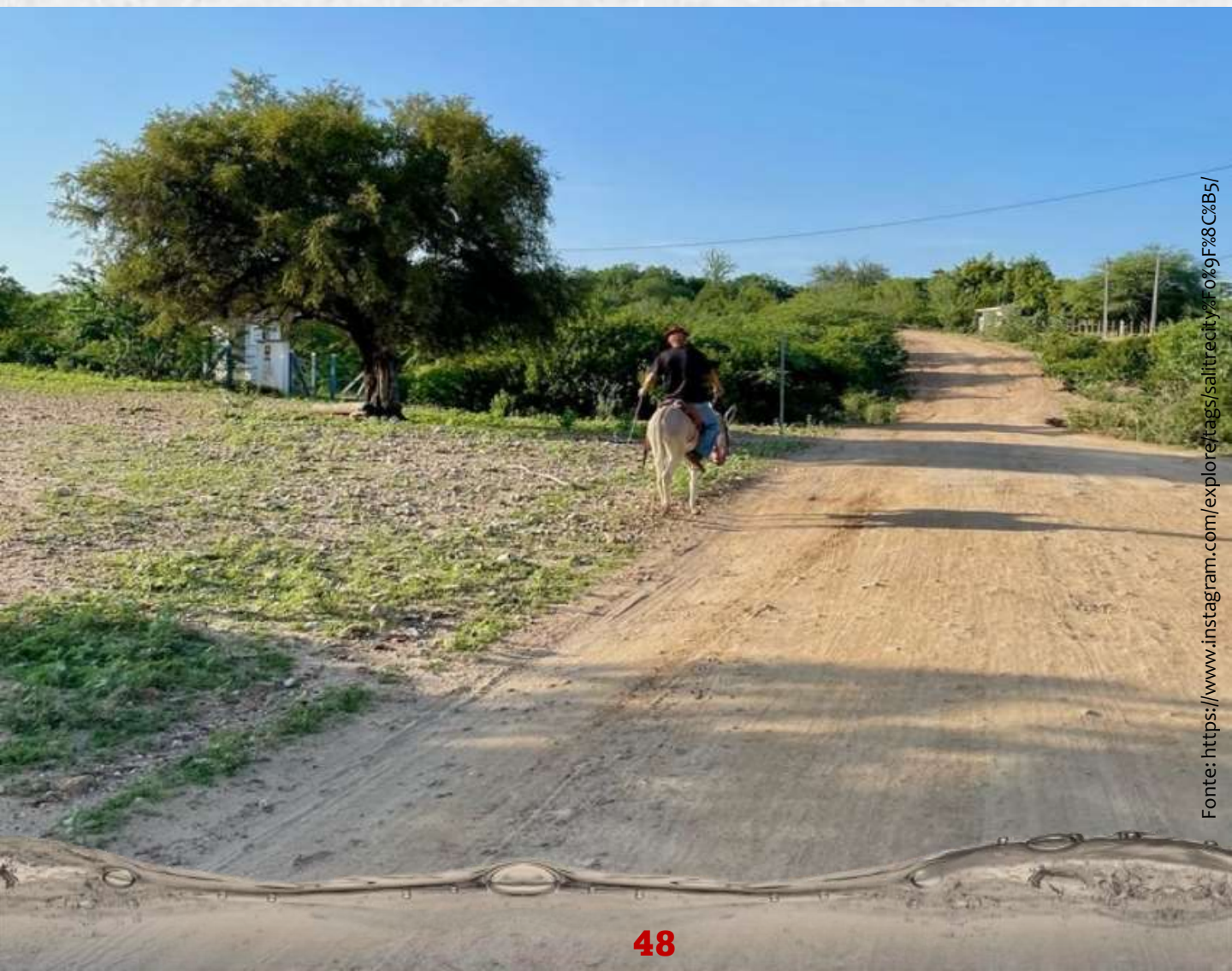
O uso intensivo das águas do Salitre para irrigação, exemplo raro de rio perene no semiárido, provocou sua completa exaustão, comprometendo as condições de permanência na terra das comunidades que tradicionalmente viviam em seu entorno.

Fonte: Rossi e Santos, 2018, p. 159

Com relação ao uso desenfreado das águas do Rio Salitre, as autoras corroboram com o que foi relatado nos diálogos dos participantes Ana Clara dos Santos, Pedro Braga Cruz, Emílio Pereira da Silva, Maria Ferreira da Costa, José da Cruz Filho, Valter Nunes dos Santos e Leandro Pereira Maia, pois eles viviam do trabalho no campo, por meio da agricultura irrigada, na margem do rio, o que chamamos de agricultura de vazante plantando várias culturas dentro do vale.

No entanto, ainda na região do rio São Francisco, em particular na bacia do rio Salitre, os conflitos pelo uso das águas surgiram como produto das formas desiguais com relação ao acesso a água e pela intensa atividade agrícola nos Perímetros de Irrigação implementados pelo Governo Federal, por meio da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), por empresas privadas do agronegócio, em especial os setores de frutas e de cana-de-açúcar.

Nessa perspectiva, é importante pensarmos que as narrativas dos entrevistados à luz da pedagogia freiriana, como um método, contribuem para que haja uma reflexão a partir dessas falas, compreendendo que a educação pode ser atuante contínuo para repensar a realidade desigual no Vale do Salitre. Ela surge como elemento imprescindível dentro das comunidades, que em sua concepção, acaba por atuar como mecanismo de organização que se constrói socialmente, pelos protagonistas do Salitre: o povo.



A mediação da Pedagogia freiriana na reflexão de conflitos no Vale do Salitre

A Pedagogia enquanto ciência da educação é a figura mediadora capaz de atuar no diálogo entre os sujeitos no processo de construção do conhecimento. Dessa forma entendemos que toda interação discursiva deve partir do contexto histórico de cada ator e atriz envolvidos no processo de aprendizagem.

Nessa reflexão há de se ressaltar que a prática pedagógica sobre os marcos históricos de luta ocorridos na região do Vale do Salitre surge a partir da perspectiva de que a Pedagogia é mediadora, pois consegue perceber que o conhecimento constrói-se de onde as pessoas estão e como elas estão. Libâneo (1994, p. 47) argumenta que,

“A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade [...]”.

A afirmação do autor reforça o pensamento de que através da mediação, a pedagogia consegue enxergar os fatos de forma diferenciada, ressignificá-los, mesmo que seja de fora para dentro porque ele percebe o que tem de construção de conhecimento a partir dos próprios sujeitos que ali estão. Desse modo, cria-se um olhar pedagógico de quem ajuda

na organização de um grupo e que consegue dialogar com os conflitos e as diversas formas de vida que existem naquele lugar.

Em se tratando do contexto histórico específico do Vale do Salitre, os processos de educação não podem ser negados à população, pois é necessário que se avalie o presente momento à luz do passado.

Permeando ainda o aspecto educativo e formativo dos protagonistas desta investigação, neste espaço refletiremos acerca dos registros que ocorreram no Vale do Salitre frente à problemática da escassez de água. Sobre esse assunto, os entrevistados narraram à evidência de conflitos em várias comunidades:



Fonte: <https://www.construirnoticias.com.br/paulo-freire-na-escola-ensinar-exige-amorosidade-ouvirtude-e-uma-constante-avaliacao-da-pratica-educativa/>

Conflitos marcados pela escassez de água no Vale do Salitre

“Essas lutas aí que eu sei foi na seca do rio. O rio que secou e não tinha água e tinha aquela briga que às vezes o pessoal prendia. Eu acho que muita gente veio de fora pra plantar. O rio não aguentava esse negócio de tirar muita água, irrigação. Tirando água e só podia era secar porque o rio Salitre quando eu nasci ele era perene. O plantio só era cana, a cana era molhada ali. Era vazante. Vocês sabem que é vazante aqui no rio, né? Não tinha esse negócio da irrigação. Depois que veio motor, depois que veio energia com bomba. Foi bom pra umas coisas a energia, depois botaram as bombas elétricas, tudo aí foi secando, né? Aí tem essa coisa. Quem morava pra cima, às vezes prendia água. Aquelas tábuas no rio pra água ir pra cima, né? Pra molhar. E quem tava cá ficava sem água. Aí tinha aquelas brigas, né? E até que depois da energia, é que desligava a energia, tinha essa coisa, tudo, né? E até que eu houve morte. O povo que me contava. Não foi coisa que eu vi. Que eles vieram pra derrubar as canelas lá no Campo dos Cavalos. Ali em cima da água, pertinho do colégio pra derrubar as canelas lá e o povo não deixava e, por isso, houve essa morte. Morreu. O povo chama até chacina, mas que eles chegaram, eu fiquei falando com esse bocadinho me empurrando, que já morreu já tudo. Eu nem sei dizer quem era o culpado. Não sei se era falando de, por exemplo, de governo, de prefeitura, de espécie de sim, né? Não sei. Não sei bem. Agora eu achava que eles que tinham dinheiro deviam deixar quem era mais pobre precisava dar água.”

Ana Clara dos Santos, Comunidade Alfavaca.

“Naquele dia, aquele conflito, eu ia chegando lá, no dia que mataram um dos produtores. Aí quando nós chegamos lá de cima, Terezinha, dois homens pararam nós dentro da caminhoneta. Vocês vão para lá. O carro cheio de mercadoria. Rapaz, vamos com cuidado que lá teve duas mortes em pouca hora. Foi por causa da energia que botaram pra lá a água puxava toda e não deixava água nem para os bichos beberem.

E não era só esses dois, não. Era o que aparecesse. Aí eles foram lá, desligaram a energia lá. Aí os ricão ali cismaram que iam ligar por conta deles mesmo. Ah, eu tenho dinheiro. Eu vou ligar. Quero ver quem vai empatar de nós gastar energia. Fizeram um acampamento no pé do poste. Ali era mato. Aí chegou os produtores e um cara pra subir no posto pra ligar a energia. Mas o cara quando chegou perto do posto que viu um bocado de gente. Um bocado de gente no pé do poste. Era muita gente. Era uns cinquenta homens. Tudo de espingarda, facão, foice. Tinha mulher também. Era tardezinha. Aí começou a briga. Aí tinha uma caminhoneta, uma C10 encostada, um cabra. Um bocado de homens ficavam de trás da caminhoneta. Tinha um velho que se chamava Antônio Dominguiño. Ô, seu produtor, não liga essa energia não, deixe descer uma aguinha pelo menos pra os bichos beber. Ele meteu a mão nos peito de Antônio Dominguiño e ele tava em cima do asfalto. Desceu rebolando caiu lá embaixo, menino, quando o véia passou no chão, aí foi tiro no produtor e o mesmo também com o revólver atirando. Sorte dele que tinha uma caminhoneta que ele tinha ficado de trás. Mas ficou cheio de bala a caminhoneta. Mataram os produtores a caminhoneta lá em cima do asfalto. Foi um bocado preso ainda. Mas passaram pouco tempo. Nós estamos vivos ainda. Hoje já morreu todo mundo foi um bocado.

Pablo Braga Cruz, da Comunidade Alfavaca.

“Aqui morreu gente por causa de água porque ele tinha uma roça aqui para cima para Goiabeira. Foi ali no Campos dos Cavalos. Eles não queriam que tirasse essa água de lá para vir para aqui. Aí teve um tiroteio. Ela vinha, mas não chegava aqui não. Foi e secou. Aí lá em cima eles não queriam deixar a água descer.”

Emílio Pereira da Silva, Comunidade Alfavaca.



“Os produtores que viviam para cima, sempre precisando de água. E foi lá em Campos dos Cavalos que isso aconteceu. Um grupo trabalhava para cima, tinha água. Aqui para baixo já não tinha. Aí foi aquela história, desligavam os... transformadores a energia para cá, eles vinham de lá para ligar, e nesse liga-desliga aconteceu que os de lá vieram e queriam ligar. Aconteceu mortes, aquela coisa toda. Depois gente foi preso, aquela história. Aí aconteceu mortes, demorou muito para acabar essa história. Soubemos pelo rádio, só havia o rádio naquela época que anunciavam. Eu mesmo lembro muito, como hoje que eu estava em Juazeiro, na época do Pinguim, o supermercado do Pinguim. Eu estava em Juazeiro nesse dia e estava lá e começou o pessoal conversando, e começou o rádio anunciando lá dentro.”

Maria Ferreira da Costa, Comunidade Alfavaca.

“Nos anos 80 foi quando realmente ia faltando água. E os produtores, os grandes produtores lá em cima, eles fugavam de toda a água. O pessoal fazia limpeza no rio, para a água chegar. A água veio chegar, às vezes não chegava. Não dava para molhar as plantas. Perderam muita planta, muito plantio. Na época o pessoal perdeu muito, porque plantava confiando que ia ter água e não tinha, faltava. E aí tentaram, muitas vezes, com o município, buscar a saída alternativa, mas nunca se conseguia, para resolver o problema, que até hoje não se consegue resolver. Eles tomaram a iniciativa os ribeirinhos, que estavam no prejuízo, que estavam sem ter água para molhar, para colher, levou muitos anos isso. Nos anos 80, no ano de 84, eles fizeram uma greve. Nessa greve eles resolveram tirar as canelas da energia do posto, para que ficasse o vale sem energia, para que as eletrobombas grandes ficassem sem funcionar, para que a água descesse, para que a água chegasse no final do rio. Com essa desligada, os que estavam lá em cima, não se conformaram. Desligaram a chave e ficaram aí em volta para que o município, a CODEVASF, tomasse uma posição. E essa realmente, para ter alguma coisa que fosse viável, que eles pudessem ter água para plantar, colher e tirar o sustento. Eu sei que eles não ficaram satisfeitos porque estavam sem poder molhar, estavam sem energia. Eles vieram, dois grandes produtores, dizem que eles tiraram dois carros de gente e vieram para matar o pessoal que estava ali porque eles queriam a todo custo, colocar as canelas para funcionar, para a energia chegar. E eu sei que vieram e não se deram bem. Esteve nessa chacina, nesse conflito. E aí foi que a situação se complicou porque, além da falta de água, ainda ficou muita gente na mira. Dizem que tinha na parte de 100 e poucas pessoas no local, no dia. E depois que tudo aconteceu, ficou aí menos de 10.”

Pablo Braga Cruz, Comunidade Alfavaca.

Naquela época a monocultura da cana-de-açúcar e a fruticultura irrigada estavam se intensificando e, por causa disso, a demanda de água para esses setores da economia foi considerada fator decisivo para inviabilização da permanência daqueles que viviam da agricultura familiar nas terras do Vale do Salitre. Com a expansão da irrigação, as famílias salitreiras perderam a oportunidade de plantar várias culturas em seus espaços, que serviam para a base de alimentação delas.

Autores como Rossi e Santos (2018) têm feito algumas reflexões sobre esse assunto:

A identificação dos sujeitos, da disputa entre os diversos usos, revela a dimensão política dos conflitos, ressaltando o embate entre distintos interesses que envolvem, por um lado, a necessidade do acesso às águas para a sobrevivência e manutenção de modos de vida e, por outro, o interesse pela água como insumo produtivo, que se apropria de bens comuns para a produção de riqueza apropriada de forma privada.

Fonte: Rossi; Santos, 2018, p. 168

Os depoimentos dos entrevistados denotam que na década de 80 houve a expansão da agricultura irrigada no Salitre, fazendo com que muitos deixassem de plantar na margem do rio Salitre e com o surgimento da energia, trouxeram também bombas potentes para irrigar as partes mais altas com quantidades de terras maiores,



expandindo a produção de algumas culturas. Ainda de acordo com Rossi (2015), os asiáticos de origem japonesa foram os primeiros a iniciarem o plantio de manga com métodos de irrigação na bacia do rio Salitre, localizada na parte alta. Isso fez com que houvesse um consumo muito grande de água ocasionando a tensa relação entre os membros dos povoados e a natureza daquela região semiárida que possui períodos de longas estiagens.

É importante destacar que, segundo o relato de Ana Clara dos Santos, naquela época a forma de lidar na roça acontecia da seguinte forma:

O plantio só era cana, a cana era molhada ali. Era vazante. Vocês sabem que é vazante aqui no rio, né? Não tinha esse negócio da irrigação.

Dessa forma, entendemos que a agricultura de vazante, considerava as plantações como policultivos, com muitas plantas diversificadas e não apenas uma única cultura em que as famílias também se alimentavam dessas produções existentes. Rossi e Santos (2018) nos chama a atenção para o fato de que, sem condições das famílias se manterem no campo por falta de água e terra, houve migrações para as cidades e, até mesmo, alguns dos pequenos produtores foram trabalhar para outros como uma alternativa de se manterem na região do Salitre.

Por oportuno, cabe ressaltar que naquela época evidenciada pelos relatos dos participantes da pesquisa, os grandes proprietários de terras do Salitre fizeram uso de bombas para captar de água para suas propriedades, além do uso de barramentos (açudes, barragens) feitos nas suas propriedades. Deste modo, o rio ficou impedido de correr seu curso natural e não conseguia descer até a parte mais baixa da bacia, lugar em que se concentravam os povoados salitreiros, como a comunidade de Campo dos Cavalos.

Os salitreiros reunidos decidiram desligar a energia elétrica que fazia funcionar as bombas de captação de água para as fazendas da região alta do Salitre, na localidade chamada de Goiabeira. Os produtores rurais Joaquim Amando Agra, conhecido como Quincas, e Otacílio Nunes de Souza Padilha Neves desafiaram a comunidade para religar a energia

Fonte: Rossi, 2015, p. 127

Ainda nessa mesma perspectiva sobre o conflito no baixo Salitre, a revista Águas do Brasil (revista editada pela Rede Brasil de Organismos de Bacias Hidrográficas), na sua edição de maio/2023, conta que “A história se repete, e em 07 de fevereiro de 1984 na comunidade de Campos dos Cavalos, exultório do Rio Salitre no município de Juazeiro, duas vidas foram ceifadas pelo conflito da água no baixo Salitre.”, endossando os depoimentos dos entrevistados.



Fonte: Acervo particular de Érica Silva (2024)



Manchete do Jornal Correio da Bahia, do dia 08 de fevereiro de 1974, veiculada sobre o conflito na Comunidade de Campos dos Cavalos, no baixo Salitre

Fonte: <https://pt.slideshare.net/almacks/d-jose-rodrigues-e-o-coronelismo-midiatico-na-bahia>



Manchete do Jornal da Bahia, Salvador, do dia 15 de fevereiro de 1984, veiculada sobre o conflito na Comunidade de Campos dos Cavalos, no baixo Salitre

Fonte: Acervo particular de Érica Silva (2024)

Como podemos perceber, a mídia impressa da época trouxe na sua edição de fevereiro de 1984, a manchete intitulada de “Chacina traumatiza Juazeiro” fazendo menção de que houve uma “chacina”, no entanto, Telles (2010, p. 221 apud Vedovello e Rodrigues, 2020, p. 164), que,



A denominação chacina é um termo nativo que denomina uma forma de homicídio doloso na qual as vítimas são múltiplas – a partir de três – sendo por isso chamadas de homicídios múltiplos por instituições governamentais, em específico as de investigação. Não há uma codificação penal específica para chacinas e essas demonstram uma série de conflitos distintos.

O número de mortes violentas chamados de homicídios são relevantes para definição do termo “chacina”, pois, para se caracterizar é necessário constatar que a quantidade de vítimas seja a partir de 03 (três homicídios) e não 02 (dois) como foi citado na reportagem da época. Nessa perspectiva, o fato ocorrido não pode ser tratado como “chacina”, mas, para a mídia local e estadual, foi reconhecido por vários anos como sendo a “Chacina do Salitre”, da Comunidade de Campos dos Cavalos.

Fotografia atual do poste onde ocorreu o conflito na Comunidade de Campos dos Cavalos



Bispo Dom José Rodrigues: O bispo dos excluídos

Outro ponto que merece destaque foi a notícia sobre o Bispo Dom José Rodrigues que, segundo a imprensa, ele lidera a chacina, veiculado por este Jornal (1984), destacando que o bispo Dom José Rodrigues, pároco de Juazeiro-BA, estava por trás dos movimentos que estavam se formando que culminou com as mortes dos produtores.

BISPO DOM JOSÉ RODRIGUES

Dom José Rodrigues nasceu em 25 de março de 1926, na Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro e se tornou bispo da Diocese de Juazeiro-BA em 12 de dezembro de 1974, com 48 anos de idade. Nesse período, a ditadura militar estava vendo seu apogeu. Torna-se importante relatar que a construção da barragem de Sobradinho em 1974 fez com que os líderes municipais das novas cidades (Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé) fossem indicados políticos pelo governador do Estado e como a região era área de segurança nacional, o Presidente da República também indicavam nomes para a administração municipal dessas cidades.

Fonte: Rosa, Barros e Santos, 2020



Fonte: <https://www.uneser.org.br/dia-nacional-da-lingua-portuguesa-uma-celebracao-necessaria/>



DICA!

Documentário sobre a trajetória do Bispo Dom José Rodrigues.

NUNCA TRAI OS POBRES. 2018. Vídeo (47min55s). Publicado pelo canal TV UNEB Juazeiro. Disponível em: <https://youtu.be/hOFLuUdkngo?si=BeFdAibmsjFkbQfe>. Acesso em 20 jan. 2024.

Desde sua chegada já era possível perceber, naquela pequena criatura, competências específicas, conhecimento elevado e experiências de vida como autoridade religiosa, o que lhe conferia o status de “o gigante”, “o forte” que enfrentava os poderosos em favor dos pobres. No dia 18 de fevereiro de 1975, Dom José visitou pela primeira vez o canteiro de obras da barragem de Sobradinho. Foi o chão de partida de sua pastoral, anunciando-a como opção pelos pobres. Quando questionado o motivo da sua dedicação aos pobres, ele explicava que veio de família humilde, que sua ordem tinha como lema a “dedicação aos pobres”. Mas o que lhe fez concretizar a opção pelos pobres, ou seja, “a última gota d’água”, foi ter encontrado o sofrimento da população da diocese causado pela barragem de Sobradinho

Fonte: Pater, 1996 apud Rosa, Barros e Santos, 2020, p. 134.



Fonte: <https://averdade.org.br/2019/02/acervo-de-dom-jose-rodrigues-e-inaugurado-em-juazeiro-ba/>

É importante destacarmos que mesmo sem o apoio de alguns dos colaboradores das paróquias da diocese, o bispo dos excluídos, como era popularmente chamado, começou suas travessias pelas cidades e comunidades que seriam submersos pelas águas do lago de Sobradinho. Nas suas andanças, ele ouviu o lamento do povo que sofria sem orientação das entidades governamentais sobre os problemas que os acomentiam (Pater, 1996, p. 36 apud Rosa; Barros; Santos, 2020, p. 135).

Nesse contexto, destaca-se que em 1976, surge o boletim da Campanha da Fraternidade, cujo tema daquele ano foi “Fraternidade e Comunidade” e o slogan: “Caminhar Juntos”. Nesse sentido, a Igreja Católica acreditava que os meios de comunicação podiam auxiliar as pessoas em seu comportamento, criando, dessa forma, o conhecimento acerca da solidariedade entre os sujeitos sobre os problemas do cotidiano. Sobre o boletim:

O boletim "Caminhar Juntos" tinha como objetivo anunciar e denunciar o que acontecia nas comunidades que estavam sob a jurisdição da Diocese de Juazeiro, que congrega os municípios de Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. Padre Manoel Alves Braga escreveu que o periódico surgiu para trazer "aos do interior, notícias da cidade e aos da cidade as notícias do interior". Pois, "ninguém pense que o que na sua zona de apostolado acontece não interessa a ninguém. Tudo interessa a todos"

Fonte: CAMINHAR JUNTOS, 1976, p.2 apud Rosa; Barros; Santos, 2020, p. 135

O periódico mensal ganhou notoriedade em vários estados do Brasil, sendo distribuído gratuitamente em lugares públicos com informações sobre eventos e atividades que a diocese realizava durante todo o mês da edição, considerado um material altamente didático para a população.

De acordo com Rosa, Barros e Santos (2020), é possível percebermos que em várias edições do “Caminhar Juntos”, Dom José Rodrigues assinava publicações na parte do Editorial trazendo discussões sobre diversos temas relevantes como ações sociais, educação religiosa e manchetes de jornais de grande circulação como o diário “A Tarde”, da capital, Salvador.

O que se vê e se nota, é que o “Caminhar Juntos” buscava através da mediação, trazer à tona as vozes que foram ignoradas pela população muito muitos anos, mas também ser objeto de denúncia contra a forma como era tratada pela sociedade.

Feitas essas considerações, entendemos que Dom José Rodrigues teve um papel importante na mediação do conhecimento, pois por meio da sua prática pedagógica, influenciou nos leitores a tomada de consciência sobre o que é comunidade e conduziu sua narrativa em conjunto com a Diocese de Juazeiro em vários campos de atuação, fazendo com que a Igreja tornasse uma representação simbólica, com base nas ideias de luta pelo direito do povo e para o povo.

O boletim mediou a situação dos caatingueiros que sofriam com a intensa seca no ano de 1976, os conflitos entre posseiros e grileiros, a ação de empresas estatais que desrespeitavam os direitos dos ribeirinhos, como a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF); e os impactos sociais e ambientais da barragem de Sobradinho que provocou o êxodo de mais de 70 mil pessoas de seus espaços de referências e convivência.

Fonte: Rosa; Barros; Santos, 2020, p. 137)

Torna-se importante assinalar que, segundo os autores Rosa, Barros e Santos (2020), naquela época, o bispo fazia constantemente denúncias e ilustrava as situações de fragilidade e de desrespeito aos direitos humanos da população ribeirinha pelo Estado, representado nas ações da CHESF e da CODEVASF.

É nesse contexto, que os olhos do bispo dos excluídos se voltam para o Vale do Salitre, como uma região marginalizada, que sofria com a seca do Rio Salitre, levando os moradores ribeirinhos a migrarem para a sede da cidade. A Igreja Católica, inspirada nas vertentes da Teologia da Libertação, através das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, abrigou as famílias que foram excluídas do projeto de desenvolvimento, que priorizava os grandes fazendeiros de irrigação fazendo que as terras dos pequenos produtores fossem desapropriadas, principalmente devido à construção da Barragem de Sobradinho.

Manchete do Jornal Correio da Bahia veiculada sobre o conflito no baixo Salitre

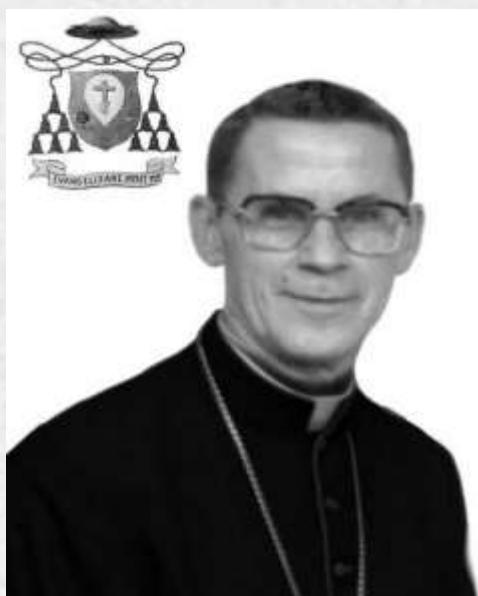


O Bispo Dom José Rodrigues foi acusado de ter participação nos acontecimentos do baixo Salitre, levantando a opinião pública a levantar hipóteses sobre sua participação na chamada "chacina", com o intuito de chamar à atenção da sociedade brasileira sobre o seu trabalho pastoral durante os conflitos, tentando fazer com que, por meio da mídia, todos se voltassem contra a autoridade episcopal.

Atuação do bispo dos excluídos: Dom José Rodrigues

Maria Ferreira da Costa

“Diziam que na época era o D. José Rodrigues que fazia um trabalho pastoral aqui. Disseram que ele incentivou, mas não foi. Isso aí foi uma coisa que aconteceu porque eles estavam sofrendo aquele problema, né? De falta de água, né? E aí os de lá de cima tinham água, queriam molhar a plantação e aqui eles desligaram para ver se a água descia. E aí quando desligou, eles vieram de lá para ligar. Os de cima eram grandes agricultores e os daqui eram os pequenos, né? E aí foi aquela confusão toda.”
(Entrevistada moradora da comunidade Alfavaca)



Fonte:
<http://diocesedejuazeiro.org.br/diocese#1518024708142-2d36d2c7-e1ac>

Nival Gomes da Silva

“Ele chegava junto às comunidades. Ele andava muito. Dizem que o bispo já não tinha tempo, mas andava. Eu mesmo me crismei com ele aí na Santa Terezinha. Uma vez ou outra ele estava por aqui ajudando o povo.”
(Entrevistado morador da comunidade Recanto)

Camêsha Gomes Aguiar

JORNAL DA BAHIA, Salvador, Domingo e Segunda-Feira, 1º e 2 de Abril de 1984.

depoimento

D. JOSÉ RODRIGUES

O povo deve ser o sujeito da História

De pequena estatura, magro de corpo, ele solta uma longa baforada de Continental e arremata: "O povo deve ser o sujeito e não o objeto de sua História". Há 9 anos dirigindo a Diocese de Juazeiro, o bispo Dom José Rodrigues, 57 anos, vem acompanhando o drama da seca e os conflitos de terra na região. "A situação é de extrema pobreza e de miséria extrema", afirma, referindo-se às condições de vida na periferia de Juazeiro, onde, segundo ele, duas crianças morrem, por dia, de fome e desnutrição. Para aqueles que o acusam de pertencer ao "Clero Vermelho", ele responde: "A ação pastoral da Igreja, na América Latina, tem evitado a explosão de uma enorme convulsão social". E, com o conhecimento seguro de um pesquisador, informa: "A seca no Nordeste já dura 400 anos". (Entrevista a Elieser César.

JJA — Dom José, faça um resumo de toda a sua itinerância antes de o senhor assumir a direção da Diocese de Juazeiro.

Dom José — Eu nasci em Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro, a 25 de março de 1926. Quando, dia 25, completei 57 anos. Aos 5 anos, mordei com a família para Serra Azul, Estado de São Paulo, porque a mãe em Paraíba do Sul estava muito difícil. Em 10 de agosto de

Durante seis anos e meio fiz o seminário menor e depois o Noviciado Religiosista em Pindeamonhangaba. Em 1948, fiz o Noviciado Maior dos Religiosistas, onde estudei dois anos de Filosofia e quatro de Teologia. Em 27 de dezembro de 1953, ordenei-me padre. Foi professor, por dez anos, no Seminário Menor de Aparicidã, onde estudara. Em seguida, fui na Bélgica um curso de especialização em entomologia.

Passei um ano em Brumado. De volta ao Brasil, tornei-me Missionário Religiosista, pregando missões em São Paulo e no Paraná. Dois anos depois, mudei-me para Goiás, na qualidade de superior vicereprovincial dos Religiosistas. Em 12 de dezembro de 1974, o Papa Paulo VI nomeou-me bispo da Diocese de Juazeiro. Em 16 de fevereiro de 1975, assumi a função.

JJA — Como foram as primeiras semanas de trabalho na Diocese?

Dom José — A Diocese de Juazeiro tem uma vasta área de aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados, o que representa duas vezes o tamanho da Bélgica. E mais do que isso, Estados do Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte e Espírito Santo Abrange sete municípios muito vastos. Para lidar com tamanho enorme, a Diocese tem apenas 11 padres e 18 irmãos religiosos. Quando eu cheguei, em 1975, a Diocese de Juazeiro, havia o grande problema da construção da barragem de Sobradinho. A construção estava pela metade.

Eu encontrei pela frente toda a problemática da inundação das pequenas populações. Para a construção da barragem, foram afetadas de várias Dioceses cerca de 77 mil pessoas.

que se mudaram para as novas cidades e para os novos povoados, sem as mínimas condições de vida.

"Sou missionário.

Tenho 57 anos e

nasci na Paraíba"

1978, entrei para o seminário de Aparicidã do Norte, junto com um companheiro, atendendo às convocações do padre Vitor Coelho de Almeida.

Fonte: Acervo particular de Érica Silva (2024)

Manchete do Jornal da Bahia, Salvador, dos dias 1º e 2º de abril de 1984, veiculada sobre a atuação de Dom José Rodrigues nos conflitos de terra na região.

Nas falas dos entrevistados se nota que o pároco era atuante nas comunidades do Vale do Salitre e que, enquanto sujeito ativo no apoio às famílias camponesas, o bispo esteve sempre perto acompanhando os desdobramentos do conflito de Campo dos Cavalos, abrindo as portas da Igreja para o povo. Segundo o Jornal À TARDE (1984 apud Rossi, 2015, p. 125) “Dom José foi indiciado no inquérito policial e denunciado pela promotoria pública local como “coautor da chacina do Vale do Salitre”.

Em consequência do seu engajamento com as causas sociais em prol das minorias, o bispo:

Dom José Rodrigues foi vítima de ameaças de morte, uma campanha difamatória e se deparou com a pouca aceitação por parte de elite local. O incômodo gerado pela atuação de Dom José e sua equipe pode ser compreendido num contexto de enfrentamento que colocam em disputa projetos de desenvolvimento para o país e questionamentos às relações de poder. Numa região dominada pelo poder oligárquico, sustentado pela concentração de terras e domínio eleitoral, o deslocamento de uma camada da população da órbita de influência ocasiona perda de prestígio e poder, ainda mais, quando o “queixar-se ao bispo”

passa a ter outro significado e não mais a concordância deste. Por não atender mais a interesses exclusivos, a Igreja sofreu acusações de subversão da ordem ao abandonar a sua missão evangelizadora e mantenedora da paz social

Fonte: Silva, 2009, p. 257

As considerações feitas nas narrativas dos entrevistados dão conta de que os salitreiros buscavam condições para a manutenção do seu modo de vida, pois as famílias do Salitre estavam acostumadas a produzir seu próprio alimento, assim como a criarem seus animais, no entanto, com a interrupção da água ocasionou a perda de fonte de produção, de consumo dos pequenos produtores da região.



Fonte: <https://irpaa.org/noticias/1982/na-tentativa-de-minimizar-conflitos-comite-de-bacia-do-salitre-aprova-limites-referente-ao-uso-da-agua>

Por esta razão, consideramos que os salitreiros verbalizavam sua ação compromissada com o vale do Salitre, que vai além da prática pedagógica sobreposta ao cotidiano. Segundo Paulo Freire (1991b, p. 18), o mundo

*"deve ser humanizado
para a humanização dos
homens,
responsabilidade com
estes, com a história."*

Paulo Freire (1991b)

A abordagem de Freire denota que para o compromisso ser verdadeiro é preciso experienciá-lo, porque o oposto implica uma neutralidade, situado como uma característica adversa ao compromisso com o outro e com o mundo.

É importante, nessa perspectiva, considerar que o processo de construção do Vale do Salitre inicia pela maneira como seu povo foi tratado em toda a sua dimensão sócio-histórica. Observamos, historicamente, que uma parte da população salitreira sempre foi tratada à revelia com relação ao acesso à água e à terra, desumanizada.

O Salitreiro, sertanejo da região do Vale do Salitre é, pois, o resultado de um longo percurso na formação histórica das margens do São Francisco, e seu nome carrega a marca da relação com as águas e com a terra. A caminhada pela formação da região do Salitre revela uma história de violência, mas, também, de resistência de um povo contra o sujeito estranho que ambiciona a apropriação da água, da terra e da força de trabalho da gente da região.

Fonte: Rossi, 2015, p. 116

Os relatos dos salitreiros entrevistados A.C.S., P.B.C., E.P.S., M.F.C., L.R.S. e N.G.S., além de dialogarem com o episódio ocorrido na comunidade de Campos dos Cavalos em suas dimensões múltiplas sobre os problemas existentes acerca da água, também construíram um exercício importante da dimensão da prática pedagógica freiriana intitulada de práxis.

Fotografia atual da comunidade de Campos dos Cavalos



Fonte: A autora (2024)

Como o próprio autor dispõe, verificamos que a *práxis* freireana, é considerada uma relação reflexiva entre teoria e prática, partindo do ponto em que:

Práxis pedagógica na Pedagogia freireana



Fonte: <https://www.arquer.com.br/tag/paulo-freire/>

"ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isto não significa, contudo, que estão condicionadas como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem"

Fonte: Freire, 1991b, p. 17

A práxis da pedagogia freiriana compreende que as relações sociais são produtoras de sociabilidade humana e, sendo assim, a humanização destas práticas constituem condição fundamental para a educação.

O conhecimento, sendo dialético, só pode ser verificado por meio da práxis, ação consciente sobre a realidade do sujeito. Em função disso, Freire aponta que não pode haver reflexão e ação fora da própria relação entre homem e sociedade.

Vale destacar que na pedagogia freiriana o conhecimento é um processo de interação comunicativa entre sujeitos cognoscentes que estão inseridos num mundo que, por sua vez, também precisa ser significado. Nesse sentido, é uma característica fundamental do mundo cultural, histórico, enfim, ser humano, é a comunicação, a qual repousa numa base intersubjetiva (Brutscher, 2014).

Desprendendo-se do seu contorno, veio tornando-se um ser, não da adaptação, mas da transformação do contorno, um ser de decisão. Desprendendo-se do contorno, contudo, não poderia afirmar-se como tal, senão em relação com ele. É homem porque está sendo no mundo e com o mundo. Este estar sendo, que envolve sua relação permanente com o mundo, envolve também a sua ação sobre ele. Esta ação sobre o mundo, que, sendo mundo do homem, não é apenas natureza, porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados. Desta maneira, as relações do homem, ou dos homens, com o mundo, sua ação, sua percepção, se dão também em níveis diferentes. Qualquer que seja, contudo, o nível em que se dá a ação do homem sobre o mundo, esta ação subentende uma teoria [...] Sendo assim, impõe-se que tenhamos uma clara e lúcida compreensão de nossa ação, que envolve uma teoria, quer o saibamos ou não.

Fonte: Freire, 1980 *apud* Duarte, 2020, p. 40

Como se vê e se nota no contexto dos marcos do Vale do Salitre, a luta por libertação admitiu ao sujeito ultrapassar, através esforço coletivo, a realidade de opressão e as leituras mistificadas sobre a realidade que foram através de uma realidade mistificada.

Em seu livro “Extensão e Comunicação”, o pensamento de Paulo Freire (1980 *apud* Duarte, 2020, p. 40) explicita que o ser humano:



PARA LER

Extensão ou comunicação, de Paulo Freire, 1980. Este livro é um ensaio preciso sobre a escolha metodológica dos educadores e faz a defesa de uma educação que não se reduz à capacitação técnica, mas que abrange o esforço através do qual os homens se decifrem como transformadores da realidade.

Nesse emaranhado de percursos de descasos no vale do Salitre em que a condição da água, como bem público, aparece sob forte ameaça pela apropriação indevida e pela escassez resultado da degradação e do uso intensivo (Rossi, 2015).

Este marco trouxe mudanças significativas no modo de vida dos salitreiros, pois, segundo a narrativa de Leonice Rocha da Silva, Nival Gomes da Silva e Leandro Pereira Maia as consequências foram:

As consequências causadas pelos conflitos no Vale do Salitre

“De lá pra cá, tudo mudou. Aí devido a esses conflitos, no governo Jorge Khoury, aí ele construiu as barrais sucessivas. Construiu oito no Sabiá, ali pro Angico. Oito barragens sucessivas. Bombeando. Bombeando de uma pra outra. Nesse tempo a Coelba era do Estado, não era privatizada. Ninguém pagava. A bombeação. Aí todo mundo viciou. Quando a coelba privatizou, tinha que ser... A Coelba não dava energia de graça. Aí... E cadê o Estado tendo que querer pagar? Tinha anos e anos de graça. Aí... Aí foi... Tendo um movimento pra fazer a associação”. **Nival Gomes da Silva, morador da comunidade do Recanto.**

“O que resolveu muito bem foi essas barragens que surgiu porque não tinha barragem nesse tempo”. **Leandro Pereira Maia, morador da comunidade do Sabiá II.**

“Ficaram alguns sendo perseguidos e condenados pela justiça. E daí, também surgiu quem ajudasse e quem buscasse alternativas. Inclusive, Jorge Khoury, na época foi eleito de Juazeiro, correu atrás, junto com a pregação, recurso para construir umas barragens. Barragens, se chamam as barragens sucessivas, que a água, em vez de descer, subia. Veja o tamanho da barbaridade, né? Aí, depois, se construiu essas nove barragens ao leito do rio, né? Para que bombeasse a água, até chegar na última barragem, onde realmente estava com o maior problema de água. Com isso, construiu com recurso federal, mas não criou-se uma organização para se administrar. Como era uma época de muita necessidade carente, que o pessoal estava realmente sem condições nenhuma de pagar os custos do movimento. Aí, ficou para que o município já pudesse arcar-se, até que o pessoal conseguisse se equilibrar para assumir, né? Deu um tempo para que pudesse assumir os custos do movimento e conseguir se organizar, né? Mas, com esse tempo que passou, o pessoal se acostumou mal. O pessoal queria que fosse por toda a vida. E aí veio o problema, que quando a prefeitura entregou para o salitreiro, de novo o problema, porque o salitreiro não assumiu, ficou dívida. Grande dívida, né? De energia. E aí não tinha quem arcar-se, não tinha quem assumisse. E aí ficou de novo um período sem água.”

Leonice Rocha da Silva, moradora da comunidade do Recanto.

Acreditamos que o conflito de Campos dos Cavalos é um marco importante na vida dos salitreiros da região do Vale do Salitre, pois se trata de uma memória viva que está associado à escassez de água, como produto da longa estiagem que assolou a região naquela época assim como a seca do rio Salitre que afetou não somente os pequenos produtores, mas também vários fazendeiros.

Muitos empreendimentos fecharam, ampliou-se o desemprego na região e o abandono das terras. A passagem dos grandes empreendimentos econômicos deixou um rastro de degradação ambiental, de pobreza e violência, exigindo um novo impulso no sentido da ampliação das relações de mercado na região do Salitre. Assim, o processo de concentração do uso da água, a dissolução das formas existentes de propriedade da terra e de relações de trabalho, no Salitre, avançam, mais uma vez, com a implantação dos Perímetros de Irrigação, proposta do governo federal, visando ao aproveitamento das águas do São Francisco para a ampliação dos investimentos privados na produção de valor, por meio da produção agrícola na região.

Fonte: Rossi (2015, p. 128)

Especificamente em relação às reflexões pautadas no diálogo dos entrevistados sobre os marcos, mostra-se com riqueza de detalhes sobre outro ponto a destacar: a chegada do Perímetro Irrigado do Salitre e o processo de divisão dos lotes. A esse respeito, o diálogo da entrevistada abaixo aponta:

A chegada do Perímetro Irrigado no Salitre (Projeto Salitre)

Leonice Rocha da Silva

[...] eu acredito que os homens governamentais não tinham realmente interesse que a comunidade participasse. Porque foi muito burocrático, foi um negócio muito, sabe, corrido, sofrido, para se ter direito.

Pouca gente conseguiu. Muita gente lutou, correu atrás, mas não conseguiu. Então a gente viu que o interesse deles era somente as empresas. Tinha muito documento para... Era muita burocracia na época. Na época da divisão, eu estava trabalhando de técnica acompanhando as cisternas, mas até hoje eles falam que eu estava competindo também, não. Não, eu não fiz, não. Mas os meus meninos mais velhos, dois tem, mas eles conseguiram. Muita gente de fora, eles não priorizavam o pessoal daqui não, era a empresa, era o pessoal de fora, o pessoal que tinha o poder aqui dentro e o pessoal que não. . (Entrevistada moradora da comunidade Recanto)

A fala de Leonice traz à luz outro marco que foi a chegada do Perímetro Irrigado no Salitre, pois além da irrigação anterior, sua proposta de implantação indicava que a preferência seria dos agricultores nativos, ou seja, os povos das comunidades seriam os colonos. Como dito, o processo licitatório deveria priorizar os membros do Salitre. No entanto, houve um processo de exclusão do salitreiro ocasionando ainda mais as desigualdades e os conflitos na região. Segundo Rossi (2015, p. 145-146), o Projeto Salitre:

[...] dispõe de um complexo sistema de canalização, armazenamento e bombeamento das águas captadas do Rio São Francisco destinado à irrigação de mais de 30 mil hectares de terras [...] Iniciativa do governo federal, esse projeto começou a ser executado em 1995, tendo sua primeira etapa sido concluída em 2010, com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). [...] Com a implantação do Projeto, pretende-se, segundo o discurso oficial, beneficiar indiretamente cerca de 180.000 pessoas, gerando algo em torno de 30.000 empregos diretos e 60.000 empregos indiretos (CODEVASF, 2011). Com a conclusão do Projeto, estima-se a geração de valor bruto mensal de produção de R\$ 745.331,40 e rendimento de R\$ 1.977,01 por hectare.

De acordo com a entrevistada, o processo de divisão de lotes pela CODEVASF foi burocrático e poucos agricultores familiares da região foram contemplados, sendo excluídos de todo o processo de aquisição dos lotes. Dando lugar à “primazia do latifúndio e do agronegócio no Projeto.” (Rossi, 2015, p. 147). O que podemos perceber que se tratou de um modelo de desenvolvimento excludente para o pequeno produtor nativo do Salitre.

Feita as considerações acima, a partir do relato exposto sobre o Projeto Salitre, entendemos que enquanto prática pedagógica dialógica, que tem como base os modos de vida dos membros do Vale do Salitre e sua relação com a implementação do Perímetro Irrigado, é possível perceber que há uma educação que atravessa o território e as vidas que estão instituídas nele, fomentando Temas Geradores potentes para a formação crítica de seus habitantes.

Nessas mediações, a Pedagogia freiriana pode propiciar uma reflexão acerca do verdadeiro encontro pedagógico, o qual se dá no entrelaçamento da narrativa de Leonice Rocha da Silva com a educação, ou seja, do processo dialógico que se tem ao conceber a vida no campo em reflexão com o tempo a qual se faz presente. Não o tempo do opressor, mas o tempo de vida daqueles que foram oprimidos e silenciados nos seus direitos.

Nesse contexto, é necessário ressaltarmos a importância que os salitreiros possuem, enquanto protagonistas de suas próprias histórias, como pessoas simples em relação a tantas outras legitimadas por aqueles que praticam a própria violência aos opressores. Vale ainda lembrarmos que “a luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si, não teria significação, esta só é possível porque a desumanização, não é, porém, destino dado” Freire (2017, p. 41). Como podemos perceber na fala do autor, não pode haver humanização onde a subalternização seja ferramenta dialógica.

Em consequência disso, observamos que aquele que dita a importância de cada salitreiro dentro da sua dimensão dialógica é o próprio lugar, o Vale do Salitre, constituinte de sua prática pedagógica, reflexo da pedagogia freiriana. Nessa lógica, encontram-se os membros das comunidades e suas histórias dentro do seu território, o campo, através da efetiva tomada de consciência, como agente de transformação social, com base na criticidade sobre a imposição negativa dos marcos na vida das famílias, ocasionando a perda da identidade do salitreiro, isto é, houve perdas da vivência que elas tinham no modo de

viver, de cultivo e na relação da vida comunitária, por meio do associativismo.

É importante destacar que Freire (2019) aponta em seus estudos que essa ação de estar no mundo em consciência, determina uma ação dialógica consciente de si, pois:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros que me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

(Freire, 1996, p. 23).

Levando em consideração o processo de compreensão sobre ação do sujeito no meio ao qual está inserido, cria-se uma interação do homem/sociedade, assim como a emancipação humana, firmando-o em todo seu contexto. Dessa forma, constrói-se uma educação emancipadora, de forma participativa, dialógica e problematizadora, direcionada a formação crítica dos sujeitos

sociais, possibilitando uma reflexão sobre suas condições sociais, históricas e culturais, como forma de resgate das suas origens, bem como nas relações sociais existentes em cada morador buscando a construção de saberes sobre sua realidade.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissoluvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso.

Paulo Freire (2010)

SAIBA MAIS

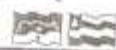
Salitre: de onde viemos? Para onde vamos? Carta Política. Publicada pelo blog RedeGN. 2014. Disponível em: <<https://www.redegn.com.br/ckfinder/userfiles/files/Carta%20Politica.pdf>> Acesso em 20 jan. 2024.

Por meio da reflexão do ser/estar no mundo, a pedagogia freiriana pode contribuir para que os sujeitos ao perceberem sua função social, reflitam sobre sua ação e sobre o seu papel no mundo, apropriem-se de seu legado histórico, transformando a realidade na qual eles estão inseridos.



Fonte: www.irpaa.org

Portanto, com base na pedagogia freiriana, o Vale do Salitre foi convidado a falar sob a perspectiva dos entrevistados, que tiveram suas vozes e saberes negados durante muito tempo, como um meio educativo. Nesse sentido, entendemos que a região salitreira não é apenas objeto de estudo, mas ela é uma educadora que busca a emancipação.



Gazzeta

do São Francisco



Formação do Curso do método de Alfabetização Paulo Freire no Vale do São Francisco

Encontro de Paulo Freire com Dom José Rodrigues no Vale do São Francisco. O pensador participou do processo de educação popular com cursos de formação baseado no Método Paulo Freire.

Foram três visitas: a primeira foi em 1983, com a realização de curso para 25 monitores, que faziam trabalhos comunitários promovidos pela Diocese. No ano de 1984, trabalhou com 11 círculos de cultura e em 1986, retornou ao município para acompanhar os trabalhos desenvolvidos tanto pelas pastorais da Diocese como pelos movimentos sociais (Silva, 2021).



Fonte: <https://acaopopular.net/jornal/marcas-do-passado-dom-jose-rodrigues-e-paulo-freire-realizam-encontro-memoravel-em-juazeiro/>

O povo é proibido de saber como é oprimido e como criar coisa nova. Desnudar a realidade e aprender a ler a palavra e a escrever a palavra e ler a palavra. Leitura de mundo igual ao desnudamento da realidade. Revolução do mundo se faz pela leitura reta da palavra. O povo faz a revolução, toma a história nas mãos. Quando se lava as mãos diante do opressor, fica-se do lado do opressor.

Dom José Rodrigues

CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO: RODA DE CONVERSA NA ESCOLA

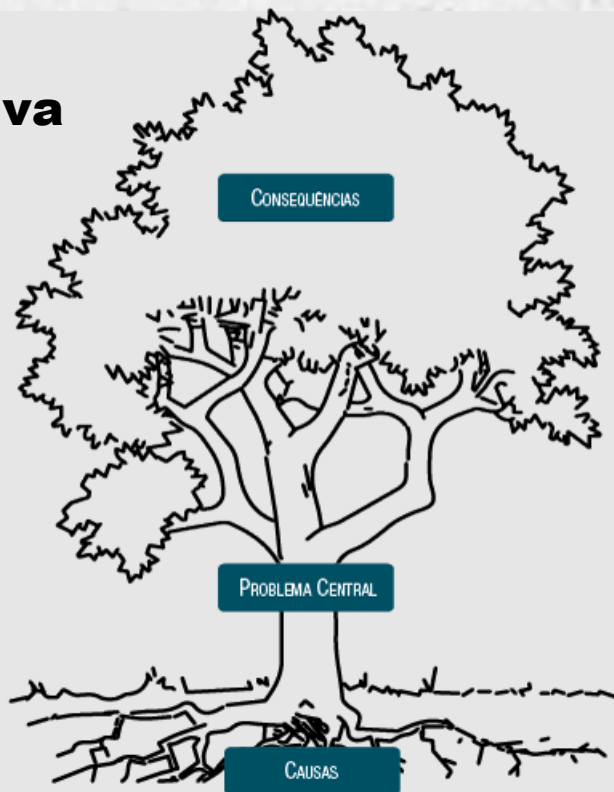
Se é possível obter água cavando o chão,
se é possível enfeitar a casa,
se é possível crer desta ou daquela forma,
se é possível nos defender do frio ou do calor,
se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens,
se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza,
por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o
da política?

Freire e Shor – Medo e ousadia



Proposta Pedagógica: Metodologia Participativa

Pensando num trabalho colaborativo na Escola Municipal Professora Edualdina Damásio, rede pública de ensino deste município, localizada na comunidade de Campos dos Cavalos, Vale do Salitre, buscamos aqui neste espaço apresentar uma proposta de planejamento significativo de aula desenvolvida por meio de uma sequência didática de abordagem problematizadora, com a utilização da metodologia participativa: Árvore de Problemas, considerada uma estratégia de diagnóstico que foi elaborada para facilitar a visualização de um problema ocorrido nas comunidades salitreiras que precisa ser mudado, juntamente com suas causas e consequências a serem identificadas pelo olhar dos discentes.



Fonte:

https://unasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/33879/mod_resource/content/1/un3/top1_5.html

Nesse contexto, é importante pensar que mudanças acontecem na hora em que nos dedicamos para que elas aconteçam, no entanto, nem sempre estamos dispostos a mudar o que não nos agrada. Vale ressaltar que o pensamento de Freire e Shor (1986) de mudar o mundo construído pelo homem, o da cultura, política e história, só pode ser solidificada por meio de uma educação que se atenta à formação dos alunos em sua totalidade.

Ao longo dessa sistematização foram delineadas informações para o desenvolvimento da proposta, acreditando que é possível buscar a conscientização dos alunos sobre os conflitos ocorridos no Vale do Salitre, para que no processo de democratização, mudanças possam ocorrer.

No mês de novembro de 2023, houve um encontro entre os alunos do Ensino Fundamental – anos finais da escola e as representantes da Comunidade de Alfavaca, Dona Ana Clara dos Santos, aposentada, e sua filha, agente de saúde, Minéia Clara, convidadas para uma roda de conversa, cuja finalidade era desenvolver uma prática pedagógica interdisciplinar sobre os marcos históricos de luta ocorridos na região do Vale do Salitre.

Fonte: https://www.flaticon.com/free-icon/brainstorm_3775731



Na oportunidade, a aula foi iniciada por mim, Maíra Santos, convidando à turma a participar de um Brainstorming sobre “Você sabe quais conflitos existiram no Salitre?” e “Por que o rio Salitre secou?”, ou seja, uma tempestade de ideias a partir das questões norteadoras. Isto serviu para a ativação de seus conhecimentos prévios, para que eles falassem sobre o que pensavam/conheciam sobre os assuntos, impulsionando-os a explicitarem as palavras que lhes vinham à mente durante as questões postas.

Retomando a proposta do dia na sala de aula, houve à aplicação da Roda de conversa sobre Marcos de luta do Vale do Salitre, com a participação das Senhoras Ana Clara e Minéia Clara, moradoras da comunidade de Alfavaca. Durante a exposição oral das convidadas, os alunos posicionaram suas cadeiras em círculos e tomaram nota de todas as informações importantes, prestando atenção em todo o conteúdo que estava sendo verbalizado naquele momento. Após a apresentação, eles foram informados que poderiam fazer questionamentos sobre a temática da roda de conversa.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/638877897125933988/>

Roda de conversa na Escola Municipal Professora Edualdina Damásio sobre os marcos de luta do Vale do Salitre



Fonte: A autora, 2023

Na concepção de Machado et al (2015, p. 751), “As rodas de conversas são espaços coletivos usados para a discussão e reflexão sobre diversos temas, podendo ser utilizada para distintos fins inclusive para o planejamento de ações.” Como dito,

entendemos que por meio da roda de conversa há possibilidade de construção de espaços de partilha, confronto de ideias com base na liberdade do diálogo entre quem está participando do processo de ensino-aprendizagem.

Roda de conversa na Escola Municipal Professora Edualdina Damásio sobre os marcos de luta do Vale do Salitre



Fonte: A autora, 2023

As rodas de conversa são reputadas também por sua potencialidade na produção de narrativas individuais e/ou coletivas. Então, os depoimentos apresentados nas discussões são tomados para sistematização não só com finalidade devolutiva, mas com o fito de elencar conteúdos e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências de práticas específicas, experiências subjetivas em dado tema.

(Pinheiro, 2020, p. 4)

A proposta pedagógica foi desenvolvida por meio da interdisciplinaridade com as áreas do conhecimento do currículo pedagógico da rede de ensino do município, levando em consideração o eixo oralidade. Segundo Sousa e Pinho “a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são abordagens epistemológicas que coadunam com essa busca pelo olhar que conecta, integra e estabelece o diálogo permanente” (2017, p. 93). Dessa forma, é através delas que as áreas do conhecimento dialogam e produzem conhecimento a partir da troca de teorias e metodologias.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, lei nº 9.394/96, em seu artigo 28, estabelece que na oferta da educação no meio rural, os sistemas de ensino precisam se adequar às especificidades da vida rural. Nesse sentido, os conteúdos curriculares e a metodologia a ser desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem precisam atender às necessidades dos alunos, assim como aos seus interesses na zona rural, organizando um calendário próprio com base nas fases do ciclo agrícola e à natureza do trabalho campesino (BRASIL, 1996).

A educação visa garantir a todos e para todos o que está estabelecido na legislação e acredita-se que através dela, surgem várias possibilidades de aquisição do saber como uma porta aberta para a formação dos discentes que moram no campo, com suas singularidades e diversidades propostas na lei da educação, através de planejamento que priorize a vida no campo para que os alunos possam aprender não apenas os conteúdos didáticos, mas também a valorização de sua cultura, de sua historicidade e que possam aprender manejos e técnicas que contribuam em suas atividades cotidianas (Santos; Miranda, 2017).



No entanto, o que se observa é uma educação do campo e para o campo com distorções que comprometem a qualidade, que começam na quantidade de alunos que possuem dificuldades de aprendizagens, metodologias inapropriadas, materiais didáticos insuficientes e que, muitas vezes, não dialogam com a realidade deles, porque não contextualizam a região em que se encontram e que muitas vezes é considerada como lugar de atraso, pois a valorização só adquire espaço na zona urbana (Arroyo, 2007, apud Santos; Reis, 2017, p. 68).

Um outro ponto que consideramos destacar é que após as narrativas das convidadas, houve uma aula expositiva em sala de aula sobre Metodologia participativa – A árvore de problemas (Partindo da identificação de uma ideia principal do problema, buscando diferenciar fatores que são causas e fatores que são consequências daquele problema identificado), a partir da fundamentação revelada durante a roda de conversa.

Momento de construção Árvore dos Problemas desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental – anos finais a partir do diagnóstico das comunidades



Fonte: A autora, 2023

Momento de construção Árvore dos Problemas desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental – anos finais a partir do diagnóstico das comunidades



Fonte: A autora, 2023

Esse espaço em que se encontra a escola foi palco para o desfecho de um dos marcos históricos que precisa ser dialogado dentro do espaço formal de educação. A saber: o Vale do Salitre é composto por comunidades indígenas e quilombolas, muitas delas palco de conflitos entre os colonizadores e os nativos (Gonçalves, 1997). Esses confrontos e violências fizeram parte da história do Salitre.

A escola, objeto final do produto dessa proposta de pesquisa, está localizada em uma região semiárida brasileira, cujos estudantes/adolescentes moram às margens da bacia do Rio Salitre e vivem da agricultura familiar. Trata-se de pessoas que, no contraturno, desenvolvem atividades agrícolas com a família ou com produtores de áreas vizinhas. Para muitos, as perspectivas de mudanças no padrão de vida são distanciadas pelas condições sociais e econômicas, que os assolam constantemente.

Para estimular os alunos a atribuírem sentido e a refletirem sobre os marcos históricos do Vale do Salitre, salientamos ainda que, após o bate-papo entre eles sobre o tema, os discentes foram divididos em grupos. Cada grupo identificou um problema vivenciado nas comunidades que moram, assim como suas causas e consequências, a partir da escuta realizada na Roda de conversa e dos registros feitos em sala de aula. Para esse momento, utilizou-se a estratégia metodológica Árvore dos Problemas (metodologia participativa de Paulo Freire).



Fonte: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/16170/Curso_Agric-Famil-Sustent_Metodologias-Participativas.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Trata-se de uma metodologia utilizada para aprofundar a compreensão de um determinado problema identificado durante discussões e atividades diagnósticas realizadas anteriormente com um determinado grupo. Assim, elege-se um determinado problema identificado como chave e discutem-se as causas e efeitos advindos desse problema. A tomada de consciência das relações de causa e efeito possibilita um planejamento mais adequado para a resolução dos problemas do grupo envolvido na intervenção.

(Marinho e Freitas, 2015, p. 16)

Em sua obra *a Utilização de Metodologias Participativas nos processos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): Fundamentos teórico-práticos*, os autores Cristiane Marinho e Helder Freitas (2015), docentes do curso de extensão do Mestrado profissional de Juazeiro-BA, trazem grandes contribuições sobre as metodologias participativas no sentido de possibilitar a construção de processos dialógicos de construção de conhecimentos e de promoção da autonomia por parte de sujeitos e grupos envolvidos.

A árvore de problemas é uma metodologia participativa, composta do diagrama de uma árvore, cuja função é analisar um problema do ponto de vista da contextualização das causas e consequências, buscando alternativas de sua solução. Por oportuno, cabe registrar que

A “árvore de problemas” é uma ferramenta utilizada para analisar a relação causa-efeito de um problema previamente determinado, seja no mapa da comunidade, na caminhada transversal ou na utilização de outras ferramentas. As raízes da árvore simbolizam as causas do problema. O próprio problema se encontra no tronco e os galhos e folhas representam os efeitos. A intenção é analisar um problema a fundo, com a finalidade de estabelecer as suas causas primárias. Estas causas primárias serão o ponto de partida para a busca de soluções.

(ISPNI, [s.d.])

Por meio dessa estratégia, cada grupo pode elencar um problema recorrente da sua comunidade, que impede que os moradores tenham uma qualidade de vida e identificasse por meio de tarjetas que seriam colocadas no tronco da árvore. Para alguns grupos, o maior

problema era a falta de coleta de lixo e para outros, a seca do Rio Salitre, além de outras situações de deslocamento até a sede da cidade e de saúde. De posse dessas informações, o próximo passo foi refletir sobre as causas e consequências desses problemas existirem.

Para a falta de coleta de lixo, os alunos relataram como causa que os caminhões não passavam nas casas das pessoas e que nunca passava nos projetos, fazendo com que eles queimassem a céu aberto os detritos, gerando poluição, mau cheiro nas comunidades e os animais ficavam comendo os restos de comunidade.

Nesse contexto, a partir da identificação de causas e as consequências daquele problema existir nas comunidades do Salitre, os discentes foram refletindo e interagindo com seu grupo de discussão e depois as suas descobertas e saberes foram partilhados em sala de aula para toda a turma.

Portanto, foram momentos de partilha de conhecimento em que as memórias foram trazidas à tona por Dona Ana sobre o modo de vida que existia no território salitreiro, marcado por momentos de imposição e que materializou o diálogo entre a História da Comunidade e as possibilidades que a Pedagogia Freireana oferecem à práxis pedagógica, as quais se materializaram também no e-book, elaborado como produto final desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Anderson Fernandes de et al. Revisitando o legado do educador Paulo Freire: olhares para as tecnologias da informação e comunicação e para formação de professores. In: PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira (org). **Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora**. Coleção PPGE. v. II. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022.

ANCASSUERD, Marli P. **Vivendo, partilhando e aprendendo com Paulo Freire**. E-Mosaicos – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). v.6 – n. 13, 2017.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Moderna, 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 197-221.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRAGA, Cinara Cristina da Costa; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de; GUEDES, Ana Paula Penha. **CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS SOBRE RECURSOS HÍDRICOS NO BAIXO SALITRE, JUAZEIRO, BAHIA**. Revista Gestão Universitária. 2019. Disponível em: < <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/conflitos-socioambientais-sobre-recursos-hidricos-no-baixo-salitre-juazeiro-bahia>> Acesso em 10 de ago de 2023.

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Lei das águas. Institui a política Nacional de recursos hídricos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 jan. 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 julho 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 13 julho 2023.

BRASIL. Presidência da República do Brasil. Lei 12.612/12, de 13 de abril de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612 Acesso em 01 jan 2024.

BRASIL. Plano Nacional de Recursos Hídricos. Lei nº 9.433/97, de 8 de janeiro de 1997. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9433.htm>. Acesso em Acesso em 01 jan 2024.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 2011.

BRUTSCHER, Volmir José. **Paulo Freire: fundamentos epistemológicos da ação pedagógica**. XXII EPENN: Encontro de pesquisa educacional do Norte e Nordeste. 28 a 31 de outubro de 2014, Natal-RN. Disponível em: < <https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmv/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=1040>>. Acesso em 23 jul 2023.

CAMINHAR JUNTOS – **Jornal da Diocese de Juazeiro**. 1984.

CAINELLI, Marlene Rosa. **O sentido do passado e da história na memória popular: idéias sobre a história e o passado fora da escola**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 517-537, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>. Acesso em 20 jul 2023.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; SANTOS, Cicero Augusto dos; BASSO, Luciene Sousa. **Itinerários da pesquisa narrativa com professoras que ensinam Matemática**. Cadernos da Pedagogia, v. 17, n. 38, p. 18-37, maio-agosto/2023. Disponível em: < <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1973>>. Acesso em 20 jul 2023.

CIRILO, J.A. **Crise hídrica: desafios e superação**. Revista USP, n. 106, p. 45-58, 2015.

COSTA, Tiago Pereira da. **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CONTEXTUALIZADA E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: Contribuição da REFAISA na Formação de Jovens do Campo**. 2018. Dissertação (Mestrado profissional em Extensão Rural). Mestrado em Extensão Rural. Universidade do Vale do São Francisco. Juazeiro, Bahia, 2018.

DANTAS, Vera Lúcia Dantas; LINHARES, Angela Maria Bessa. **Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular**. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Ministério da Saúde, [20--].

DUARTE, Camilla Frederico. Vanderlei Souza. **Filosofia da Educação em Paulo Freire: reflexões sobre educação popular**. Graduação (Monografia). Curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior Fluminense, 2016.

DUTRA E. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Estudos de Psicologia; 2002; 7(2), p.371-378. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/epsic/a/vc3HmxqcjLnrQpFpLwskhzm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 01 jan de 2024.

FERNANDES, Ailton Gonçalves et al. A pedagogia e as práticas educativas na educação do campo. In: MACHADO, Carmem Lúcia Bezerra (org). **Teoria e prática da educação do campo: análises de experiências**. MDA, 2008. p. 27-28.

FERREIRA, Liliana Soares. **Pedagogia como ciência da educação: retomando uma discussão necessária**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 91, n. 227, p. 233-251, jan./abr. 2010.

FRANCO, Maria Amélia. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2ª Ed. 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. In: FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2010.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991b.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Extensão ou comunicação?** 5e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. SP, Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Teoria, método e experiências Freireanas**. 2003. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/590>>. Acesso em 23 jan 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, E. L. **Opapa: formação histórica e social do Submédio São Francisco**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. **Censo Brasileiro de pesquisa**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

INEMA. **Plano de Recursos Hídricos e Proposta de Enquadramento dos Corpos de Água da Bacia Hidrográfica do Rio Salitre** – PRHS. Síntese Executiva. Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Salitre. Salvador, 2017.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, L&PM, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IPEA. RIDE, **Região Integrada de Desenvolvimento de Petrolina-Juazeiro**.

Disponível em:

https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/171208_atlas_idhm_desenvolvimento_humano_rm_petrolina.pdf Acesso em 20 jun 2023.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Ynakam Luis de Vasconcelos; SILVA, Severino Bezerra da; AZEVÊDO, Ciro Linhares de. **Círculo de cultura freireano**: instrumento metodológico para o ensino profissional. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 20, n. 3, p. 326-343, set.-dez. 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fcetir.aedb.br%2Ffaculdades%2Fped%2FDownloads%2F1ano%2FSeminario_Tendencia%2FLUCKESI%2520%2520tendencias_pedagogicas.doc&ei=W7c1VMfHKuXIsATD54DgDQ&usg=AFQjCNFSwkQ-tfVUZL4hQOzU3-Lovl_Mlg&sig2=i94pF48f-aEVzRsbAH1uSA&bvm=bv.76943099,d.cWc>. Acesso em: 13 julho 2023.

_____. **Democratização da escola pública**: a perspectiva crítica-social dos conteúdos. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LISPECTOR, Clarice. Os Desastres de Sofia. In: **Felicidade Clandestina**, 1988, p. 100.

LUCKEZI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Fernando Soares; RIBEIRO, Elisa Antônia Ribeiro; LIMA, Geraldo Gonçalves de. **Contribuições da Pedagogia Progressista Libertadora para a Educação Inclusiva Frente ao Contexto Neoliberal**. *Educação & Linguagem*. v. 23. n. 2. 141-162. jul-dez. 2020. ISSN Impresso: 1415-9902 • ISSN Eletrônico: 2176-1043.

MACHADO, Thamyris Mendes Gomes et al. **A roda de conversa como ferramenta de planejamento de ações**: relato de experiência. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*. vol. 6. março, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2707/2416>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARINHO, Cristiane Moraes; FREITAS, Helder Ribeiro. Utilização de Metodologias Participativas nos processos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): Fundamentos teórico-práticos. **EXTRAMUROS**: Revista de Extensão da UNIVASF. v. 3, número 2, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/764>>. Acesso em 20 jan 2024.

MAURO, Cláudio Antônio Di. **Conflitos pelo uso da água**. *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 36, p. 81-105, 2014.

MEDEIROS, Emerson Augusto de Medeiros; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. **Educação do/no campo: história, memória e formação.** Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro/ Vol. 25, n.48/ p. 06-18/ Jan-Abr. 2015.

MENDONÇA, Rafaela Soares; DIAS, Luciana Campos de Oliveira. **E-BOOK para dinamização de um clube de leitura:** Contribuições do produto educacional na educação profissional e tecnológica. 24º Seminário internacional de educação, tecnologia e sociedade: ensino híbrido. FACCAT. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1522>. Acesso em: 20 jul 2023.

NANTES, M. **Relação de uma missão no rio São Francisco: relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris.** São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, 1979.

NASCIMENTO, Renato Santos do. **ÁGUA, PAISAGENS E CONFLITOS:** Reflexões etnográficas sobre luta e resistência no Vale do rio Salitre em um claro contexto de violência administrada. Prelúdios, Salvador, v. 10, n. 11, p. 104-136, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, R. R. **Educação popular – uma possibilidade de subversão.** Disponível em: <http://Santos1http://www.moodle2.univasf.edu.br/graduacaoead/pluginfile.php/16854/mod_resource/content/2/EDUCA%C3%87%C3%83O%20POPULAR%20TEXTO%20PROF.pdf > Acesso em 20 set. 2018.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de. **Tendência Pedagógica Progressista Libertária:** Uma breve apresentação. Revista Espaço Acadêmico. nº 125, 2011.

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Rodas de conversa e pesquisa:** reflexões de uma abordagem etnográfica. V. 31. Campinas: Pro-Posições, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/jxjFR8ZtfFkHNJ36CX6mFp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 mar. 2024.

PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira (org). **Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora.** Coleção PPGE. v. II. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022.

Plano de Recursos Hídricos e Proposta de Enquadramento dos Corpos de Água da Bacia Hidrográfica do Rio Salitre: Síntese Executiva. Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Salitre. Salvador, 2017.

QUEIROZ, C. T.; MOITA, F. M. G. S. C. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação.** Campina Grande: UEPB/UFRN, 2007.

REIS, E. S. Entrelaçando os saberes para compreender a relação educação rural e desenvolvimento local sustentável. In: SÁ, Edna Maria Alencar de, et al. **Professor pesquisador e a construção de novos discursos.** Recife: EDUPE, 2004.

REIS, A. M. B. dos. **Salitre:** Uma contribuição para a análise da produção camponesa. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1986.

REIS, Esterline Félix dos et al. **Espaços não formais de educação na prática pedagógica de professores de Ciências.** Revista REAMEC, Cuiabá-MT, v. 7, n. 3, set-dez 2019. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec>>. Acesso em jul 2023.

REGIÃO INTEGRADA DE DESENVOLVIMENTO DE PETROLINA-JUAZEIRO (RIDE). **Atlas do Desenvolvimento humano nas regiões metropolitanas brasileiro**. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/171208_atlas_idhm_desenvolvimento_humano_rm_petrolina.pdf Acesso em 20 jun 2023.

Revista Águas do Brasil: Cooperação pelas águas. Revista editada pela REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacias Hidrográficas - Maio /2013 - Ano 3 - Número 6. Páginas 18-21. Disponível em: www.aguasdobrasil.org Acesso em 10 jan 2024.

ROSA, Jônatas Pereira do Nascimento; BARROS, Edonilce da Rocha; SANTOS, Andréa Cristiana. Dom José Rodrigues: seu papel político e educativo junto às camadas populares no boletim “Caminhar Juntos” In: **Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade**. Ponta Grossa: Atena, 2020.

ROSSI, Renata Alvarez; SANTOS, Elisabete. **CONFLITO E REGULAÇÃO DAS ÁGUAS NO BRASIL** – a experiência do Salitre. Caderno CRH, Salvador, v. 31, n. 82, p. 151-167, Jan./Abr. 2018.

_____. **Conflito e regulação das águas no Salitre – Bahia (1997-2013)**. 2015. Tese. (Doutorado em Administração). Doutorado em Administração. Universidade Federal da Bahia, Juazeiro, Bahia, 2015.

SANTOS, A. T.; MIRANDA, E. F. Educação do rural versus educação do campo: paradigmas e controvérsias. In: SEMINÁRIO NACIONAL, 5.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL, 2., **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229303899.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, S. G.; REIS, M. S. Práticas de letramento na educação do campo: o programa escola da terra em Alagoas. **Pontos de Interrogação**, Algoins, v. 7, n. 2, p. 57-74, jul.-dez. 2017. Doi: 10.30620/p.i.v7i2.4495. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2239736-pr%C3%A1ticas-de-letramentos-na-educac%C3%A7%C3%A3o-do-campo-o-programa-escola-da-terra-em-alagoas. Acesso em: 20 jan 2024.

SAVIANI, Demerval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf>. Acesso em: 13 julho 2023.

_____. **Pedagogia: O espaço da educação na universidade**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 100. jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/6MYP7j6S9R3pKLXHq78tTv/j/abstract/?lang=pt.>>. Acesso em: 13 julho 2023.

_____. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.** Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf>. Acesso em 20 set. 2015

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

_____. **Sobre a natureza e especificidade da educação.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 1, jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575/9519>>. Acesso em: 13 julho 2023.

SILVA, Almacks Luiz. **Bacia hidrográfica do rio Salitre, afluente do rio São Francisco.** <http://issuu.com/aguasdobrasil/docs/revista_aguas_do_brasil_6> Acesso em 20 jun. 2018.

SILVA, Aracéli Girardi da. **TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS:** Perspectivas históricas e reflexões para a educação brasileira. Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba, v. 9, n. 1, p. 97-106, jan./jun. 2018.

SILVA, Camila Téio da. **A gênese da Pedagogia do Oprimido:** O manuscrito. Dissertação. (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Mestrado em Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Érica Daiane da Costa. **A comunicação e as lutas pela água no Vale do Salitre.** 2010. TCC (Monografia de graduação em Comunicação Social). Curso de Comunicação Social. Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, Bahia, 2010.

_____. **Da passarela ao canal de concreto:** a agricultura e as mudanças no modo de vida da população do Vale do Salitre – Juazeiro-BA. 2013. TCC. (Monografia de graduação em História). Curso de História. Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, 2013.

_____. **Carrapicho: experiências de educomunicação com adolescentes e jovens no Vale do Salitre.** 2019. Dissertação. (Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos). Mestrado em Educação. Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia, 2019.

_____. **A “chacina” do Salitre e os diferentes enfoques dado pelo Jornal de Juazeiro, Jornal A Tarde, Correio da Bahia e Jornal da Bahia, no ano de 1984.** 2007. Trabalho Científico - Ensaio Interdisciplinar. Graduação em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios. Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia, 2007.

SILVA, Francisco de Assis. Paulo Freire e suas marcas no Vale do São Francisco. DOSSIÊ 100 ANOS DE PAULO FREIRE: O pensamento de Paulo Freire: entre o internacional e o regional, o urbano e o rural. **Revista Educação & Comunicação.** São Paulo: USP. 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/187379>>. Acesso em 01 abr 2024.

SILVA, Margarete Pereira da. O bispo de Juazeiro e a ditadura militar. In: ZACHARIADHES, GC., org. IVO, AS., et al. **Ditadura militar na Bahia:** novos olhares, novos objetivos, novos horizontes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, vol. 1. Disponível em: <http://books.scielo.org>>. Acesso em 20 jan 2024.

SOARES, Silvon Ferreira dos Santos. **Atuação do pedagogo em espaços não formais de educação**. 2021. TCC (Monografia de graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia – Universidade Federal do Tocantins, Arraias, TO, 2021.

SOLÀ, P. El estudio diacrónico de los fenómenos educativos y las tendencias historiográficas actuales. In: CONGRESO INTERNACIONAL “**A HISTÓRIA A DEBATE**”, 1993, Santiago de Compostela. Actas. Santiago de Compostela: Carlos Barros Editor, 1995. t. II, p. 213-220.

SOUSA, J. G. de; PINHO, M. J. de. **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como fundamentos na ação pedagógica**: aproximações teórico-conceituais. Revista Signos, Lajeado, n. 2, 2017.

SOUZA, Priscila Moreira de. **Educação não formal e seus desafios**. 2023. Dissertação. (curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura), CELACC/ECA-USP.

UFBA. **Plano de gerenciamento dos recursos hídricos da bacia do Rio Salitre**. Disponível em: <http://www.grh.ufba.br/download/Rel%20Final%20Salitre-%20Res%20Executivo%20-%2025-02-2003.pdf> Acesso em 20 jun. 2023.

UNIÃO DE ASSOCIAÇÕES DO VALE DO SALITRE (UAVS). **Salitre: de viemos? Para onde vamos?** Juazeiro/BA: Carta aberta à sociedade, 2014. Disponível em: <<https://www.redegn.com.br/ckfinder/userfiles/files/Carta%20Politica.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2023.

VEDOVELLO, Camila de Lima; RODRIGUES, Arlete Moysés Rodrigues. **AS CHACINAS EM SÃO PAULO**: da historicidade à Chacina da Torcida Pavilhão 9. Revista de Estudos Empíricos em Direito. Brazilian Journal of Empirical Legal Studies. vol. 7, nº 2, jun 2020, p.161-179. Disponível em: <https://reedrevista.org/reed/article/download/461/270/2077>. Acesso em 10 jan 2024.

